Anexo ao Proc. 506/98
Programa: Filosofia

Américo Soares da Silva

Auto - Organização e a Teoria Freudiana das Pulsões

AMÉRICO SOARES DA SILVA

AUTO-ORGANIZAÇÃO E A TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES

AMÉRICO SOARES DA SILVA

AUTO-ORGANIZAÇÃO E A TEORIA FREUDIANA DAS PULSÕES

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia (Área de Concentração: Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente).

Orientadora: Profa. Dra. *Carmen Beatriz Milidoni*

Filosofia e Ciências
BIBLIOTECA
Campus de Marília

Marília

2000

1410001125



unesp

Nº cham 153.9
S 586a

Nº Tombo 1.125
Aquisição D
Preço 5,00
Data __/__/__
Proced. Autor

Fac. de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - BIBLIOTECA

Silva, Américo Soares da
Auto-organização e a teoria freudiana das pulsões / Américo Soares da Silva. – 2000.
136 p., 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2000.
Bibliografia: p.132-136

1. Filosofia da mente. 2. Auto-organização. 3. Psicanálise. I. Autor. II. Título.

CDD 20ª - 128.2

À minha família

Que mesmo à distância sempre me apoiou e nunca deixou de compreender a minha constante ausência.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com uma soma de fatores e do apoio de pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a sua realização:

à CAPES, pela concessão da bolsa que me permitiu dedicar-me integralmente a esta pesquisa;

aos colegas do grupo de estudos de ciência cognitiva, pelo companheirismo e pela agradável troca de idéias;

aos bons velhos e novos amigos, por simplesmente terem apostado em mim;

por último, e justamente por isso mesmo o agradecimento mais importante, à minha orientadora Profa. Dra. Carmen Beatriz Milidoni, pelos anos de orientação e paciência; e também por ter me permitido, na qualidade de um aspirante à carreira acadêmica, exercer algo que me é extremamente caro: liberdade de pensamento.

SUMÁRIO

RESUMO.....07

INTRODUÇÃO.....08

PARTE 1: A PSICANÁLISE E A TEORIA DAS PULSÕES

CAPÍTULO 1.....13

1.1 Breuer & Freud.....13

1.2 Processos primário e secundário.....20

CAPÍTULO 2.....30

2.1 Pulsões.....30

2.2 Nirvana.....38

2.3 Eros & Thânatos.....45

2.4 O ego e o id.....49

PARTE 2 : A TEORIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO

CAPÍTULO 3.....55

3.1 Informação, ruído e máquinas.....55

CAPÍTULO 4.....64

4.1 A dinâmica da auto-organização.....64

4.2 Endogenização.....70

4.3 Auto-organização, Sujeito e Identidade.....75

PARTE 3: CONSIDERAÇÕES PARA OS TERMOS DE UMA COMPARAÇÃO

CAPÍTULO 5.....81

5.1 Algumas considerações teórico-metodológicas.....81

5.1.1. Metáfora.....81

5.1.2. Modelos..... 85

5.1.3. Derivação metafórico-metonímica.....90

5.1.4. Explicações Teleológicas..... 95

2 Psicanálise e a teoria da auto-organização.....103

5.2.1. O modelo orgânico.....103

5.2.2. Pulsões e plasticidade..... 111

5.2.3. Considerações sobre a teoria da auto-organização 118

5.2.4. Auto-organização e psicanálise.....125

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 128

BIBLIOGRAFIA.....133

ABSTRACT.....138

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade realizar um estudo comparativo entre a psicanálise e a teoria de auto-organização. Para fazê-lo, nós precisamos demarcar as condições de possibilidade necessárias para que um fenômeno seja considerado auto-organizado e comparar como as condições de possibilidade usadas pela psicanálise freudiana, através da sua teoria das pulsões, para verificar se elas seriam análogas. Nós acreditamos que está pesquisa pode ser muito interessante para fornecer uma nova direção para os estudos em filosofia da mente.

Introdução

Este trabalho propõe-se a realizar um estudo comparativo entre a teoria freudiana das pulsões e a teoria da auto-organização (TAO). Seu objetivo principal consiste em demonstrar a razoabilidade da seguinte hipótese: as condições de possibilidade estipuladas pela TAO para que um dado fenômeno seja considerado auto-organizado teriam pontos substanciais em comum com as condições de possibilidade delineadas pela psicanálise freudiana, dentro do quadro teoria das pulsões, para a configuração, em termos de plasticidade por ambigüidade, de processos que fazem parte do funcionamento do aparelho anímico.

Para tanto, dividimos nosso estudo em três etapas: *A psicanálise e a teoria das pulsões*, *A teoria da auto-organização*, e *Considerações para os termos de uma comparação.*

Em nossa primeira etapa, buscamos realizar uma incursão pelo universo teórico freudiano seguindo um alvo determinado: a teoria da pulsões. Para fazê-lo, acreditamos ter sido pertinente recuperar alguns dos seus conceitos chaves que, ao longo da obra freudiana, iriam ajudar a circunscrever a versão final da teoria das pulsões.

Nossa trajetória inicia-se, então, pelos "anos de formação" da psicanálise: o trabalho de Freud junto ao seu colega Joseph Breuer; neste período, por nós exposto no *capítulo 1*, procuramos alguns elementos teóricos consensuais entre

os dois vienenses, visto que seus pontos de concordância se fariam presentes ao longo do posterior desenvolvimento da psicanálise. Os pontos em questão são: a origem ideogênica da histeria e, consequentemente, a possibilidade de tratá-la com o uso da hipnose; a analogia entre a dinâmica da vida anímica e um sistema elétrico (ideal). Ainda no primeiro capítulo, fizemos um breve comentário acerca do controverso texto *Projeto de uma psicologia*; este texto, publicado postumamente, passou para a posteridade como uma tentativa mal sucedida de Freud em construir um modelo para os fenômenos psíquicos utilizando-se de uma "metáfora neuronal". Procuramos enfatizar neste comentário o aparecimento dos processos primário e secundário, os quais desempenham um papel de grande relevância junto à malha teórica psicanalítica.

No *capítulo 2*, nosso sobrevôo ganhou uma dimensão mais ampla; apesar do rápido exame de uma grande "área" do discurso freudiano, procuramos selecionar e destacar aspectos que nos seriam de maior relevância. A teoria das pulsões, na condição de um dos pivôs deste estudo, permaneceu como aspecto central em nossos comentários. Dedicamos algumas páginas ao conceito de pulsão no seu nascedouro, passando pelo "primeiro dualismo" pulsional, até chegarmos à introdução do princípio de Nirvana que marca a inauguração da versão final da teoria pulsional de Freud. Além disso, também demos destaque para outras "metáforas" utilizadas pelo pai da psicanálise com a finalidade de representar os processos oriundos da vida anímica.

A parte seguinte, dedicada à teoria de auto-organização, também fora dividida em dois capítulos: o *capítulo 3* versa sobre o ruído e a auto-organização; já no *capítulo 4* foram visadas algumas das características em particular do processo de auto-organização. Essa divisão corresponde à estratégia que utilizamos para abordar uma teoria cuja terminologia apresenta certas dificuldades mediante as variações que cada autor adotado implementa individualmente. Optamos por fazer da problematização do ruído uma "porta de entrada" para a teoria de auto-organização; privilegiamos um pouco as idéias de Henri Atlan, justamente por ele conceder uma grande importância ao ruído junto aos processos auto-organizados. Em contrapartida, demos uma atenção especial aos trabalhos de Michel Debrun, e com ele "fabricamos" a nossa "porta de saída" da teoria de auto-organização; os conceitos de auto-organização primária e secundária, de atrator e de endogenização nos forneceram dados de extrema relevância para nossa reflexão.

Consagramos, finalmente, a terceira parte deste trabalho a "Considerações para os termos de uma comparação"; apesar do título um tanto longo, quiçá pomposo demais, essa é a parte crucial da nossa proposta, pois ela corresponde à própria razão de ser desta pesquisa.

Empreender um estudo comparativo entre domínios teóricos tão distintos pode ser uma tarefa espinhosa e movediça. Tecemos, no início do *capítulo 5* (último capítulo) algumas considerações teórico-metodológicas, de natureza geral; com estas, fomos capazes de trazer para o modesto palco da nossa reflexão, mais três autores: Laplanche, Black e Braithwaite. Estes autores nos forneceram uma tríplice

unesp

contribuição, que foi para nós de inestimável valor para darmos um bom desfecho a este nosso trabalho.

Inicialmente, optamos por fazer uma apresentação breve de cada um dos aspectos teóricos recolhidos entre os últimos autores citados.

Em Max Black encontramos algumas reflexões acerca da metáfora e dos modelos teóricos; essas reflexões mais gerais foram combinadas com os postulados de Laplanche, cujo trabalho acerca da derivação de entidades psicanalíticas permitiu-nos pensar alguns elementos do intrincado jogo do "modo freudiano de dizer"; como resultado, valorizamos o caráter metafórico dos modelos construídos por Freud para explicar a vida anímica; e, por fim, centramos nossa análise na "vesícula ideal" descrita em *Além do princípio do prazer*.

Finalmente, estabelecemos um diálogo com o conceito de plasticidade de Braithwaite. A partir das reflexões braithwaiteanas fomos capazes de sugerir – readequando a terminologia original do autor – a existência, em sistemas que se comportam teleológicamente, de um tipo de plasticidade que alimenta-se de ambigüidade. Obtivemos assim os subsídios necessários para estabelecer os termos para nossa comparação.

Consideramos que a relevância deste estudo encontra-se atrelada às discussões contemporâneas da Filosofia da Mente; novas perspectivas abertas pelo estudo da teoria da auto-organização para o entendimento da mente humana teriam muito a aproveitar da velha, mas ainda atual, teoria freudiana.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

PARTE 1: A PSICANÁLISE E A TEORIA DAS PULSÕES

CAPÍTULO 1

1.1 Breuer & Freud

Se nos remetermos às origens da psicanálise, a partir dos anos de 1880 a1895, encontraremos o trabalho realizado em colaboração entre Joseph Breuer e Sigmund Freud; esta colaboração produziu concordâncias e discórdias que ajudam a entender alguns aspectos da psicanálise em seu nascedouro.

Apesar da tendência da época de catalogar a histeria como uma doença "nervosa", provocada pela decrepitude (precoce) do sistema nervoso, Breuer (E.S.B. vol. II) atribuía a este mal – em boa parte – uma origem ideogênica. Assim sendo, uma "intervenção ideogênica" seria passível de sucesso. Isso levou Breuer a servir-se da hipnose; suas pacientes uma vez hipnotizadas recebiam a "ordem" para abandonar os sintomas que as afligiam; mas, com o passar do tempo, novos sintomas apareciam no lugar dos anteriores. Uma das suas pacientes, Anna O., apresentava um quadro difícil no qual Breuer vinha trabalhando já algum tempo sem maiores progressos; até que um dia, antes de suas sessões diárias de hipnose, ao invés simplesmente hipnotizá-la, ele permitiu que ela falasse e lhe contasse um episódio que havia sido penoso para ela. Foi quando pôde observar uma melhora no humor e no quadro mais geral da paciente. Ao perceber isto, Breuer passou a hipnotizá-la e ao

invés de "ordenar-lhe" que os seus sintomas cessassem "ordenou-lhe" que recordasse de algo que por ventura a havia afligido. Nascia a teoria da ab-reação.

A revivência de certos eventos da vida da paciente eliminava com razoável margem de sucesso os sintomas da histeria.

Este modelo tinha como fonte de inspiração a estabilidade homeostática de vários fenômenos fisiológicos, tais como a respiração, pressão sangüínea, temperatura interna do corpo, etc...

Outra analogia feita por Breuer era a do cérebro com um sistema elétrico:

> .... Quando o cérebro está realmente trabalhando sem dúvida se faz necessário maior consumo de energia do que quando ele estava meramente *preparado* para executar um trabalho... Quando o funcionamento é normal, não é liberada maior quantidade de energia do que a imediatamente empregada em atividade. O cérebro, contudo, comporta-se como um daqueles sistemas elétricos de capacidade restrita, incapaz de produzir uma grande quantidade de luz e de trabalho mecânico ao mesmo tempo. Se estiver transmitindo força, apenas se disporá de uma pequena quantidade desta iluminação e *vice-versa.* Assim, constatamos que se estivéssemos fazendo grandes esforços musculares, seremos incapazes de nos empenharmos num raciocínio, ou que se concentremos nossa atenção num único campo sensorial , a eficiência dos outros órgãos cerebrais se vê reduzida - isto é, verificamos que o cérebro trabalha com uma quantidade de energia variável mas limitada... (Breuer, E.S.B, vol. II, p. 248).

E é com base nestes elementos que acabamos de arrolar que Breuer chegaria ao seu princípio do "ótimo", por assim dizer. Segundo este princípio, o sistema nervoso buscaria manter um *constante* equilíbrio de seu estado de excitação. Ele postularia ainda que a "energia nervosa" poderia se apresentar em dois estados distintos, a saber, o de energia livre e o de energia ligada. A energia livre seria responsável pela força circulante do sistema nervoso; se esta se apresentasse em baixo nível o sistema tenderia à letargia (ou estados de sonolência), e o excesso da mesma responderia pelos estados de euforia do indivíduo. Daí a fórmula de Breuer, segundo a qual haveria uma "... tendência para manter constante a excitação intracerebral" (Breuer, E.S.B. vol. II p.250), constância essa que indicaria um ponto "ótimo" para o sistema operar normalmente sem grandes desgastes.

Isto posto, Breuer iria formular a existência de estados alterados da consciência, algo próximo dos estados de devaneio, denominados por ele como "estados hipnóides". Se nestes estados um indivíduo fosse submetido a uma grande excitação, ele não conseguiria descarregar a tensão gerada pela mesma através de vias normais. Muitos poderiam ser os motivos que teriam impedido o paciente de efetuar adequadamente a descarga da emoção que o estímulo externo lhe havia suscitado. As convenções sociais tinham um grande papel nessa "retenção" de emoções. Por exemplo, uma jovem ao ser repreendida pelo pai não poderia contestar-lhe abertamente pois isso poderia ser visto como um desrespeito (numa escala muito superior à dos dias atuais). Essas circunstâncias em que as rigorosas normas sociais impediam os indivíduos de expressarem suas emoções – as mulheres eram



particularmente alvo de toda sorte de proibições – culminava no aparecimento de diversos sintomas. A própria Anna O. foi descrita por Breuer como possuidora de uma "poderosa inteligência e penetrante intuição"; porém, ela desenvolveu devaneios de tal ordem – dada a sua condição intelectual e sua restrita vida familiar e puritana – que ela acabou se tornando refém de múltiplos sintomas histéricos.

Estes sintomas seriam o resultado da tensão acumulada cujo resultado é um estado dissociado de consciência, onde as representações excitadas durante o estado hipnóide (similar ao devaneio), ficariam presas. As excitações em jogo se expressariam de maneira inadequada pela "janela" do estado hipnóide; ou seja, como foram produzidas em um estado dissociado de consciência, só se manifestariam no mesmo. Os variados sintomas da histeria nada mais seriam do que a manifestação inadequada de afetos ligados a representações ou pensamentos retidos nos estados dissociados de consciência; pois, não tendo havido descarga normal desses afetos estes se manifestariam pela via dos sintomas.

Por fim, a catarse seria o momento de reintegração desses afetos aos pensamentos correspondentes, os quais, uma vez unidos na consciência, encontrariam um meio adequado de descarga e assim o sistema nervoso poderia voltar a sua normalidade. Essa "reintegração" ocorreria fundamentalmente dando expressão verbal aos afetos.

Trata-se portanto de um modelo homeostático de funcionamento, no qual as ausências ou excessos de excitação tendem a serem compensados em prol de um ponto de equilíbrio. A histeria corresponderia a um quadro em que o sistema

nervoso do indivíduo ficaria parcialmente impedido de atingir este ponto "ótimo"; a sobrecarga causar-lhe-ia um tipo de "curto-circuito", cuja manifestação seriam os sintomas patológicos, nomeadamente conversões somáticas.

Freud, que também serviu-se das técnicas de hipnose, não discordava da analogia do sistema nervoso com um sistema elétrico e aceitava a idéia de uma quantidade finita de energia circulando no mesmo. Contudo, suas observações clínicas o levariam a formular uma teoria da defesa que tornava desnecessária a hipótese dos estados hipnóides de Breuer. Posteriormente, Freud viria a abandonar até mesmo a técnica da hipnose e prol da de livre associação.

Neste meio tempo Freud escreve, em 1895, um trabalho a nosso ver de grande importância. Ele mesmo viria renegá-lo, o que levou a uma publicação póstuma do mesmo com o nome *Projeto para uma psicologia científica* .

Este fora o trabalho em que Freud mais tentou aproximar-se de uma abordagem naturalista do aparelho anímico. Ao esboçar um modelo quase maquinal do aparelho mental, o qual seria composto de neurônios, Freud não pretendia estabelecer um modelo que visasse uma correspondência direta com o sistema nervoso, mas apenas uma aproximação com o mesmo em termos de estrutura e função.

E, assim como Breuer assevera a existência de um princípio diretor do sistema nervoso, Freud introduz em sua maquinola neuronal um princípio operacional, a saber o princípio de inércia neurônica:

...É o princípio de inércia n[ervosa]; [dita] que [o] n[eurônio] aspira a libertar-se de Q...(FREUD, 1995 [1895], p. 10).

É neste *Projeto...* que encontramos também um modelo de mente que adota a forma de sistema conjectural composto de neurônios.

Introduziremos algumas características destes neurônios[1]:

(Pressuposto 1, P1) - Identidade neuronal. Para Freud os neurônios deveriam ser idênticos entre si em termos estruturais.

(Pressuposto 2, P2) - Diferenças quantitativas. As escolhas de "caminhos" preferenciais de circulação de energia nervosa dentro do aparelho baseiam-se não em diferenças estruturais dos neurônios mas na interação, e na acomodação/distribuição de Q – nomenclatura para a quantidade hipotética de energia que incidiria sobre os neurônios.

(Pressuposto 3, P3) - O aparelho como um todo opera segunda a variação em seu nível de Q, ou seja , sua arquitetura interna depende de suas Qs. Assim sendo, "... o espaço do aparelho psíquico é pensado como função da quantidade". (FREUD ([1895] 1995), p. 117)

Destes pressupostos podemos derivar a configuração do sistema como um todo:

---

[1] Conforme três pressupostos extraídos das notas n.º 20 e n.º 26 da autoria do tradutor brasileiro de S. Freud , Osmyr Faria Gabbi Jr. (S. Freud, [1895](1995) : *Projeto de uma psicologia* , p.116,117).

Os neurônios ϕ, situados na camada mais externa do aparelho, são destinados à percepção. Eles são dotados de uma maior permeabilidade permitindo maior passagem de Q, embora dentro de certos limites; cabe a esse grupo de neurônios agir também como um escudo protetor. Em seguida, pela ordem do mais externo para o mais interno, temos os neurônios que constituem o sistema "ψ"; são eles responsáveis pela memória do aparelho. Esta memória se faria possível no jogo de interações entre as passagens e resistências entre os neurônios, formando-se assim vias de condução que poderiam desembocar em diferentes tipo de ações motoras. O sistema ψ estaria dividido em dois subgrupos, "ψ do manto" e "ψ do pallio"; os primeiros manteriam contato com ϕ e receberiam através do mesmo os estímulos advindos do mundo externo. No segundo caso, "ψ do pallio" ficaria encarregado de receber os estímulos endógenos produto das necessidades vitais.

Por fim, mas não menos importante, os neurônios ω, na parte mais interna do aparelho, teriam a incumbência de atribuir qualidades ao "dados arquivados na memória", ou seja no sistema ψ.

1.2 Processos primários e secundários

Nesta ficção teórica do *Projeto...*, o indivíduo surge em estado de "desamparo". O bebê é afligido pela estimulação endógena da fome, e não encontra

meios de sanar o problema sem ajuda externa. A mãe, ao surgir em seu auxílio, sacia a fome do bebê aplacando os estímulos endógenos. Com seu modelo do aparelho anímico, Freud esperava encontrar, entre outras coisas, uma descrição dos processos envolvidos nessa vivência, que ele chamou "vivência de satisfação".

Tudo começa com a função primária; dada a fórmula do princípio de inércia neurônica, ela tem a incumbência da descarga imediata e total dos estímulos externos. Todavia, quando se tratar de estímulos endógenos o aparelho encontra-se impotente para desfazer-se destes estímulos. Quando este estado de desamparo inicial é vencido com ajuda externa, é "registrada" no aparelho a "imagem" do ocorrido. Isto aconteceria porque os neurônios são providos de diferentes resistências à passagem de estímulos; ao receberem uma forte estimulação (ocupação) e sua posterior descarga, eles ficam "marcados". Neste caso, cria-se pela primeira vez uma via de facilitação, o que equivale a um caminho que possibilita que a Q passe por ele com mais facilidade do que por outros lugares, ou seja, um escoadouro. Ora, uma segunda "onda" de Q tenderia – de forma praticamente mecânica – a escoar pelo mesmo caminho. Temos então as funções primária e secundária dentro do aparelho: a primeira refere-se à tendência de esvaziamento total das Qs; a segunda, corresponde à manutenção do caminho para fuga de estímulo. De certa maneira, Freud incorre numa explicação de tipo circular: é necessária a função primária para que surja a secundária; ao mesmo tempo, é a função secundária que assegura a manutenção da função primária. Voltaremos à esta questão um pouco mais à frente.



No contexto das necessidades somáticas, a "solução" via descarga de Q não pode ser permanente; passado um determinado período temos o ressurgimento da fome. Nesta situação, aparelho tenderia – mecanicamente – a repetir a mesma trilha da vivência de satisfação anterior. Essa repetição simples do "caminho" anteriormente percorrido não assegura uma nova interrupção dos estímulos endógenos; a única coisa obtida é um reavivamento da lembrança em questão devido à re-excitação – reocupação – dos neurônios ψ que foram utilizados durante a primeira vivência de satisfação. Este reavivamento seria uma atração de desejo primário e implicaria numa alucinação da representação em jogo, que se apresentaria na qualidade de uma percepção. Freud denominou de *processos primários* este escoadouro de Q através dos neurônios anteriormente utilizados na primeira vivência de satisfação. Mas esta seria só uma modalidade dos processos primários

Haveria outra situação particularmente importante em termos de servir de base para a configuração de uma segunda modalidade de processos primários: a vivência de dor. Esta vivência ocorreria quando um volume muito grande de Q invadisse ϕ; nesta situação, após a descarga das Q excessivas, o aparelho manteria registrada – em ψ – uma imagem recordativa hostil; caso os caminhos neuronais correspondentes a esta imagem começassem a ser reutilizados, isto seria sentido de forma desprazerosa pelo aparelho; haveria, então, uma descarga que

evitaria o re-excitamento daquela imagem hostil. Essa fuga do desprazer provocado pela *recordação* dolorosa recebeu de Freud o nome de *defesa primária*.

Pelo que já podemos observar, mesmo munido de uma defesa primária o aparelho anímico teria poucas chances de sobrevivência se ficasse a mercê dos processos primários (pelo óbvio motivo de que uma alucinação não sacia uma necessidade e uma defesa primária excessiva levaria o aparelho à exaustão).

Para garantir essa chance de sobrevivência frente às necessidades da vida Freud se vê obrigado a fazer uma "mudança" na dinâmica interna do *Projeto...* adicionando-lhe uma conotação biológica. Esta viria com a função secundária cuja finalidade seria a de fazer frente ao princípio de inércia neurônica e sua necessidade de evacuação de todas as tensões. Freud está introduzindo, apesar de não dizer explicitamente, o princípio de constância. Assim, diz Freud que, sob as condições impostas pelas necessidades da vida "(...) o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = 0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de Q'η no menor nível possível , em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante." (Freud, 1995[1895], p. 11).

Como a vivência de satisfação permitiu que um certo grupo de neurônios estivesse associado à imagem da mesma, o aparelho se configuraria de forma a tender para o "reencontro" dessa imagem; Freud batizou isto de *desejo* e para conseguir uma vivência não-alucinatória da satisfação é que essa configuração

ou moção passaria a *evitar* certos "caminhos"; ou melhor, certos neurônios não poderiam ser ocupados, em benefício de um outro grupo "mais adequado".

E é assim que Freud abre a possibilidade da instauração dos chamados *processos secundários* ou processos de pensar que são "uma moderação" dos processos primários possibilitados por um "eu" com seus mecanismos de inibição. O "eu" corresponderia a "... um complexo de neurônios que retêm suas ocupações, que portanto, por curtos períodos de tempo[é] um complexo de nível constante..." (FREUD, ([1895] 1995, p. 83)

A este "eu" caberia, portanto, supervisionar a tentativa de "reencontro" com a imagem da vivência de satisfação. Esta busca se daria numa seleção das descargas excitatórias a serem feitas nos meio ambiente – também nomeadas como descargas motoras. Todo este processo dependeria basicamente do *aprendizado biológico.* O "eu" no *Projeto* não corresponde a um homúnculo; tratar-se-ia somente de uma estrutura de neurônios ocupados e cujo arranjo influenciaria as várias vias de facilitação que os estímulos poderiam percorrer dentro do aparelho, consequentemente, as ações motoras associadas às mesmas. Neste ponto o "eu" e a inibição são correlativos, pois esta se dá através de ocupações laterais. As ocupações laterais, por sua vez, nada mais seriam do que a extensão da rede de neurônios correspondentes ao "eu". E se nos lembrarmos de que a Q tende a correr pela via de maior facilitação, e ainda, que quanto maior a ocupação dos neurônios menor a sua "resistência"; então, quanto menor o nível de ocupação, maior seria a facilitação dos neurônios envolvidos e a tendência para se percorre-los em detrimento de outros.



Este desvio do fluxo de Q impediria as reocupações responsáveis pela vivência alucinatória.

O posterior abandono da sua maquinola neuronal não fez Freud abandonar de todo muitas das concepções ali desenvolvidas.

Apenas cinco anos mais tarde, ou seja, em 1900, Freud traria a público sua teoria dos sonhos através da célebre *A Interpretação dos Sonhos*. Para os leitores da época muitas das formulações ali contidas se apresentavam pela primeira vez, visto que o texto do *Projeto...* seria publicado postumamente .

Muito mais do que uma explicação acerca do fenômeno dos sonhos, Freud também estava fornecendo parâmetros teóricos que determinariam por muitos anos o desenvolvimento posterior da psicanálise.

Freud abandonara a estrutura neuronal do *Projeto...* e com ela toda uma série de embaraços internos àquela ficção teórica (como as movediças questões referentes às relações psicofísicas). Podemos dizer que a partir de 1900 Freud revestiria a psicanálise com pigmentos bem mais psicológicos.

Esquivando-se da idéia de fazer qualquer "referência anatômica" (1900), o pai da psicanálise passa a tratar da dinâmica interna do aparelho como algo puramente abstrato, cuja função última seria a de servir como um guia para o entendimento do funcionamento dos processos mentais e não como um correspondente direto desses processos. Este modelo "psicológico" é concebido

unesp

como uma seqüência de lentes superpostas; tal qual um telescópio, cuja "entrada" seria o sistema perceptivo e a "saída", já na outra extremidade, corresponderia às descargas motoras. Entre a "entrada" e a "saída" temos os sistema Mnem(s); sua incumbência é registrar as "impressões" advindas do mundo externo e captadas pelo sistema Pcpt (perceptivo). Tais impressões se inscrevem nos sistemas Mnem(s) na forma de traços, seguindo um processo de associação:

> ...A associação consistiria, assim, no fato de que em decorrência de uma diminuição das resistências e do estabelecimento de vias de facilitação, a excitação é mais prontamente transmitida de um primeiro elemento *Mnem.* [memória] para um segundo do que para um terceiro...(Freud, 1987[1900], p. 494).

Apesar de aparecerem expressões como "vias de facilitação" e "diminuição das resistências", Freud não irá postular qualquer conjectura sobre o "suporte" destes processos. Sua preocupação dirige-se mais ao problema do recalcamento. Para lidar com esse problema, ele cria uma divisão tópica para o aparelho, o qual passa a ser dividido em inconsciente, pré-consciência e consciência

Esta distinção, conhecida como Primeira Tópica, coaduna-se com as relações entre processos primário e secundário, bem como com a noção de recalque. Enquanto ficção teórica podemos pensar o aparelho em uma mítica situação originária, na qual este é regido unicamente pela função primária. Neste estado o

unesp

aparelho tenderá a se desvencilhar das excitações que venham do mundo externo; Freud considera este processo como um arco-reflexo. Isto posto, podemos resumidamente dizer que a excitação adentra pelo sistema Pcpt e atinge a outra extremidade do aparelho "escapando" para o exterior na forma de motilidade, ou de reflexo. Num determinado momento esse reflexo afasta o indivíduo do estímulo externo; temos então a primeira *fuga do estímulo*, a qual fica "registrada" nos sistemas Mnem(s). Ao ser submetido novamente à mesma estimulação, o aparelho buscará estabelecer uma *identidade* com o traço de memória que corresponde à descarga outrora responsável pela interrupção do estímulo externo. Entretanto, não existem somente estímulos externos; as necessidades endógenas também são uma poderosa fonte de estimulação, com o agravante de que uma ação motora simples (reflexa) se mostra inadequada para aplacar estes estímulos. É quando temos a um só tempo a fundação do desejo, do princípio de desprazer (mais tarde nomeado como princípio de prazer), e a primeira vivência alucinatória. O desejo será esta busca pelo reencontro com a imagem Pcpt registrada nos sistemas Mnem(s). O princípio do desprazer, cujo mandamento é a evitação do desprazer, impulsionará esta busca, visto que a realização do desejo coincidiria com o prazer de se *evitar* o desprazer. Mas, como já discutimos no contexto do *Projeto...*, uma vivência alucinatória nada realiza.

Tal como no *Projeto...*, cabe à função secundária desenvolver-se de maneira a garantir a sobrevivência do aparelho anímico, rompendo o círculo vicioso estímulo-alucinação-estímulo. Se no que tange às *metas* o modelo da Primeira Tópica

é similar ao do *Projeto...*, no tocante aos processos encontramos um perfil diferente devido às inovações desta mesma tópica.

O aparecimento do inconsciente (Ics), pré-consciente (Pcs) e da consciência (Cs), na qualidade de sistemas do aparelho anímico, ajuda na construção de uma explicação acerca do conflito, que é o próprio motor do aparelho. Os processos primários pertencem ao território do Ics e jamais podem obter acesso à consciência, salvo de maneira distorcida. Isto deve-se justamente à lenta e progressiva instauração de uma "nova" forma funcional (processo secundário). Esse novo parâmetro de operação dentro do aparelho anímico o permite *inibir* o acesso à motilidade que estaria mediado por aquelas representações que culminariam na vivência alucinatória. Por outro lado, essa mesma função asseguraria a seleção das representações que corresponderiam às ações motoras capazes de, efetivamente, saciar o desejo. A busca pela identidade perceptiva com a vivência de satisfação é substituída pela busca pela identidade de pensamento com essa mesma vivência. O aparelho, ao acumular informações, iria progressivamente estabelecer caminhos mais complexos para atingir as representações-meta, evitando a via mais direta e simplista do processo primário. Para essa inibição funcionar é preciso que o processo primário tenha seu acesso à motilidade vetado. Desta maneira irá constituindo-se paulatinamente uma "barreira" dentro do aparelho anímico que impedirá certos grupos de representações de atingir a consciência. Essa "barreira" foi denominada "censura" e seria da alçada do pré-consciente; é a instância que detém "a chave" para a motilidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Esta imagem deixa-nos entrever uma idéia de "restrição espacial", no que tange à distribuição dinâmica e de forças dentro do aparelho. A consciência, outrora extremamente poderosa, tem seu "status" reduzido ao de um "lugar" que recebe impressões mediatizadas por outras instâncias; muito daquilo que a determina advém das regiões mais "internas" do aparelho anímico onde se encontram certas representações que são incompatíveis com os valores morais e estéticos do indivíduo e cuja conscientização acarretaria desprazer. Daí, estas representações serem por definição inacessíveis à consciência. Os sistemas que compõem o aparelho anímico estariam dentro de um equilíbrio dinâmico; uma simples perturbação neste equilíbrio é suficiente para o desencadeamento de um conflito defensivo, o qual muitas vezes resulta em graves sintomas para o indivíduo. É neste quadro que se constitui o inconsciente na sua forma substantivada. Os desinvestimentos e contra-investimentos produzidos pela defesa produzem aquilo que Freud nomeou de recalque. O recalque originário (cf. Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche & Pontalis), corresponderia a uma primeira formação de representações banidas da consciência, por força de contra-investimento, na forma de um núcleo que passaria a "atrair" novas representações que por ventura vieram a se incompatibilizar com a consciência; estas seriam então "empurradas" pela defesa, pelo desinvestimento por parte do Pcs.(recalque propriamente dito) para junto deste núcleo primeiramente constituído. O Pcs seria a *zona de fronteira* entre o Ics e o Cs de onde partiriam as inibições; caberia a esta instância fronteiriça produzir os contra-investimentos e desinvestimentos para as representações associadas ao desprazer e que acenam com



seu ingresso à consciência; esse processo geraria um desprazer "menor", mas tenderia a garantir a evitação de um desprazer muito maior. Aqui se encontraria operando o princípio de constância. As representações presentes no Pcs são "inconscientes" num sentido mais descritivo (adjetivado) do que sistêmico, pelo simples fato de não figurarem entre as representações da consciência; no entanto, elas podem também atingir esta condição. Já aquelas representações da época do processo primário (representações infantis, recalquadas originariamente) não podem ser inibidas por se situarem além do alcance do Pcs, isto é, no Ics., e, como já dissemos, este tem seu acesso à consciência negado permanentemente.

Ao recorrermos à economia dos investimentos afetivos dentro do aparelho anímico, podemos recuperar outro dos pressupostos que Freud também não abandonou após 1895. Estamos falando do fato da energia do aparelho ser concebida como finita e móvel, e portanto, capaz de gerar situações cujos investimentos numa dada representação tendem a corresponder ao "esvaziamento" da carga afetiva de outras representações. Em sua teoria para explicar os sonhos [cf. *Interpretação dos sonhos*], Freud denominou este fenômeno de do "deslocamento"; as catexias ou ocupações "abandonariam" uma determinada representação fazendo-a "perder" sua verdadeira importância no sonho. Poderiam aparecer também representações hipercarregadas pelo fato de servirem-se das catexias de outras representações; este fenômeno fora nomeado como "condensação", e a ele caberia um papel de igual importância no desvelamento do "sentido" dos sonhos. Este tipo de "consórcio" energético construiria aquilo que Freud denominou como pontos nodais de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

significado; tudo isso tornou-se de grande importância para a teoria freudiana, na medida em que Freud pôde estabelecer correlações entre os processos envolvidos na construção dos sonhos e aqueles responsáveis pelo aparecimento dos sintomas neuróticos.

CAPÍTULO 2

2. 1 Pulsões

Esta idéia de "deslocamento" e de hiperconcentração da catexias nos fornece outro importante ensejo para examinar mais de perto questões vinculadas à *origem* destas catexias e os seus posteriores *destinos.*

Os "destinos das pulsões" do indivíduo encontram-se sob a direção de dois princípios básicos que Freud viria a acrescentar ao seu princípio de constância, a saber: o princípio de prazer e o princípio de realidade.

Como vimos há pouco, as catexias circulantes dentro do aparelho anímico "ligam-se" a uma representação do objeto de satisfação, passando a constituir uma *representação-meta,* e é a concretização dessa "meta", via descarga motora, que garante a realização do desejo. O desejo seria desejo de menor tensão possível; o "prazer" do desejo seria o prazer obtido pelo evacuamento das tensões, o que só se daria de maneira satisfatória se a realidade externa oferecesse condições para tanto. Neste aspecto o princípio de prazer e o princípio de realidade tão somente reproduzem a oposição-complementar entre os processos (funções) primário e secundário. A busca do aparelho pela identidade-perceptiva corresponde a um reencontro com a "imagem" do prazer que fora anteriormente vivenciado; entretanto,

essa "via rápida" de efetivação é obstaculizada pela realidade externa, restando portanto ao aparelho se assenhorar do que lhe é "ensinado" pelo mundo externo para poder realizar o desejo de maneira eficaz. Em suma, o aparelho anímico permaneceria sob a tirania do princípio de prazer deixando ao princípio de realidade (processo secundário) a tarefa de negociar com o mundo externo a efetivação dos desejos do tirano. [cf. também Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911)].

Ao falarmos da *fontes* das pulsões, é nos *Três ensaios sobre a sexualidade* onde encontramos desde a primeira definição de pulsão até a caracterização de suas fontes:

> ... Por pulsão podemos entender de início nada mais do que um representante {Repräsentanz} psíquico de uma fonte de estímulos intrasomática em continuo fluir; ela é diferenciada do "estímulo", que é produzido por excitações singulares provenientes de fora. Assim, "pulsão" é um do conceitos de deslinde do anímico com relação ao corporal...(A.E, vol. VII, p. 153).

A condição "orgânica" destas *fontes* foi sublinhada, ao longo da obra de Freud [cf. *Três ensaios sobre a sexualidade, Narcisismo: Uma introdução e Pulsões de seus destinos*], bem como o seu possível assentamento numa "base química". A energia psíquica das pulsões sexuais, denominada por Freud de libido, não era exceção à regra. O "*quantum de libido*" expressava-se no plano anímico, nas

primeiras etapas de desenvolvimento psíquico, na forma de "libido egoica" (A.E, vol. VII, p.198).

A posterior tomada dos objetos no mundo exterior como "metas" libidinais, pressupõe um "desenvolvimento" das pulsões sexuais, as quais nasceriam apoiadas nas funções vitais (mais tarde denominadas de pulsões de auto-conservação). A boca, os olhos, entre outros órgãos, exerceriam dupla função; eles tanto serviriam para as suas funções vitais propriamente ditas, como também neles estariam *apoiados* impulsos de finalidade erótica. Neste processo as pulsões vão se desprendendo do seu estado inicial de "colagem" com as funções vitais até estabelecerem-se como pulsões sexuais parciais. Nesta nova condição, mesmo estando desorganizadas, elas buscam uma satisfação auto-erótica, e cada uma delas passa a corresponder a uma zona do corpo em particular, denominada então de zona erógena.

Num segundo momento, aquelas pulsões parciais convergem num único ponto e tomam o próprio indivíduo como ponto de "chegada". É só a partir desta "fusão" das pulsões parciais é que o ego poderia tomar a si mesmo como objeto de amor.

Abre-se o ensejo para falarmos do narcisismo. Alguns autores trabalham com a idéia de um o narcisismo primário; para eles, o narcisismo nasceria como um estado de anobjetalidade, pois não haveria investimento nos objetos do mundo. Posteriormente, após o retorno dos investimentos feitos nos objetos do mundo, a libido tomaria o próprio ego como objeto de satisfação. O que nos interessa

unesp

em particular é o fato de Freud considerar esta "quantidade" investida no exterior como sendo finita; ou seja, na medida em que aumenta a quantidade de libido investida no mundo externo, diminui a quantidade armazenada no "eu". Isto porque o "eu", como um reservatório de catexia, seria capaz de armazenar os refluxos de catexia quando estas abandonassem o mundo externo; a esse (re)investimento no "eu" fora dado o nome de narcisismo secundário. [cf. *Narcisismo: Uma Introdução*].

O narcisismo, portanto, é um estado, um momento existencial do indivíduo; reflete o nível de catexias investidas no "eu", mas também demarca as formas do seu relacionamento com o mundo e com o outro.

Como os fluxos e refluxos de libido constituíam um "ir e vir" constante entre o ego e os objetos, podia-se falar de uma "libido do ego", a qual poderia emanar para o exterior e tornar-se libido do objeto. Este "trajeto" tornar-se-ia extremamente complexo na medida em que os "objetos" em questão não precisavam possuir uma realidade externa, ou ainda, o ponto de investimento libidinal poderia ser transferido para partes específicas do ego.

Por outro lado, o indivíduo, ao incorporar no seu íntimo as exigências feitas pela família ou pela sociedade (trabalho, escola etc..) construiria uma auto-imagem que atendesse a todos estes requisitos. Esta "imagem" foi denominada de "ideal do eu". Este "ideal", herdado do narcisismo primário, acaba tornando-se um direcionador do comportamento do indivíduo em sociedade. Isto se faz claro no amor paterno, que Freud argumenta não tratar-se de nada além do que

um sacrifício da satisfação narcísica direta; pela indireta, no caso, será o filho ou a filha que realizaria tudo aquilo que os próprios pais não foram capazes de conseguir.

Mas Freud iria se deparar com uma dificuldade. A distinção entre as pulsões do ego (denominadas: interesse) e essa "libido" que ficara armazenada no mesmo durante a narcisificação do indivíduo (libido do ego), não mostrava-se suficientemente nítida; Freud ficou na desconfortável posição de "aproximar-se" do monismo pulsional defendido por C.G. Jung.

E mesmo depois da chegada de *Pulsões e seus Destinos* (1915), esse problema permaneceu em aberto no corpo teórico da psicanálise freudiana.

Do trabalho de 1915 alguns pontos nos interessam em particular. Primeiramente, ao voltar a discorrer acerca das características das pulsões, Freud coloca dois novos aspectos em relevo.

Em primeiro lugar, Freud introduz a noção de pressão {Drang}. Este seria a exigência de trabalho que a pulsão faz ao aparelho anímico, ou melhor, é o próprio motor da pulsão. A *meta* {Ziel}, que já aparecera em 1905, definiria a finalidade última da pulsão que é o seu próprio esvaziamento em termos excitatórios; como já vimos, as condições de possibilidade para a realização da "meta pulsional" nem sempre são favoráveis, daí Freud falar em "meta inibida" que poderia ser uma "realização desviada" da meta original (sublimação). O *objeto* {Objekt} da pulsão pode ser visto como aquilo do qual se serve a pulsão para obter sua satisfação. Uma característica fundamental do objeto pulsional seria a sua plasticidade; pois, não possuindo nenhuma forma prévia, ele estaria em perpétua constituição. Finalmente

voltamos para a *fonte* {Quelle} da pulsão que, como já havia sido definida nos *Três ensaios...* consistiria nos processos somáticos ocorrentes no interior do organismo.

Um outro aspecto interessante é a formulação, da parte de Freud em *Alem...*, de uma "vesícula ideal", quiçá mítica, que além de reiterar a obsessão freudiana pela biologia, retoma aspectos com os quais já nos depararíamos desde o *Projeto...* e *A Interpretação dos Sonhos,* e que atravessam boa parte de sua teoria psicanalítica. Seguindo o raciocínio de Freud, vejamos uma caracterização precursora dessa vesícula ideal:

> ...Imaginemos um ser vivo quase por completo inerme, não orientado todavia para o mundo, que captura estímulos em sua substância nervosa. Este ser muito em breve se encontrará em condições de estabelecer uma primeira distinção e de adquirir uma primeira orientação. Por uma parte, registra estímulos de que pode subtrair-se mediante uma ação muscular (fuga), e a estes imputa um mundo exterior; porém, por outra parte, registra outros estímulos frente aos quais uma ação assim tem um resultado inútil, pois conserva seu caráter de esforço [pressão] {Drang} constante; estes estímulos são a marca de um mundo interior, o testemunho de algumas necessidades pulsionais. A substância perceptiva do ser vivo terá adquirido, assim, a eficácia de sua atividade muscular, um pretexto para separar um *fora* de um *dentro*... (A.E, vol. XIV, p. 114-115).

Essa ficção "metabiológica" reafirmaria a idéia de uma "endogenização" que constituiria o aparelho; todavia, esta não é uma região fechada,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

o movimento de fuga não pode ser repetido indiscriminadamente, a sobrevivência deste "ser vivo", tal como Freud descreve, depende também da atividade relacional com aquilo que não o constitui. A distinção do que está *dentro* do que está *fora* não seria somente uma questão espacial; ela irá agregar-se à questão do que é **positivo** ou **negativo**, em termos da sobrevivência do organismo. Estes aspectos mediarão a escolha do tratamento conferido aos possíveis objetos pulsionais. Todo objeto – e o objeto pulsional não precisa existir no "mundo exterior", podendo ser uma representação do corpo ou de parte dele – será "atraído" para junto do indivíduo na mesma razão em que se preste a ser um objeto de desejo; em contraposição, também na razão direta em que este apareça como um obstáculo ao prazer, ou fonte de desprazer, será repelido.

Em se tratando de especulação "metabiológica", Freud acrescentaria ainda que a *finalidade* do sistema nervoso seria a de *dominar* os estímulos. Não por acaso, já em *Além do princípio do prazer*, Freud viria a redescrever o ideoplasma, adicionando-lhe a idéia de uma *proteção anti-estímulo.* Esta seria a camada mais *externa* da "vesícula ideal" que "morreria" ao servir de escudo para as camadas mais *internas*; porém, ao morrer, a parte externa possibilitaria a sobrevivência das camadas mais internas, uma vez que, estas só receberiam quantidades filtradas de estímulos...

> ...Para o organismo vivo, a tarefa de proteger-se contra os estímulos é quase mais importante que a de recebê-los; está dotado de uma reserva energética própria, e em seu interior se desprendem formas particulares de transformação da

> energia: sua principal meta tem que ser, pois, preservá-las do influxo nivelador, e por tanto destrutivo, das energias hipergrandes que advém de fora...(A.E, vol. XVIII, p. 27).

Está presente nesta ficção teórica, que analisaremos mais à frente, uma complexidade muito maior do que a de um conjunto de "arcos-reflexos", pois ela parece pressupor um *elán vital* que seria o motor de sua tentativa de sobrevivência.

Ainda em *Pulsões...* Freud preconiza a redução do grupo de pulsões a duas pulsões primordiais, a saber, as pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais. Enquanto as primeiras primam pela tendência de auto-conservar o indivíduo - manifestando-se em suas funções vitais, como, sede, fome, micção etc...; as pulsões sexuais tenderiam a procurar a preservação da espécie através da reprodução. No entanto, esta "nova" dualidade não parece ser tão fortemente "dual" como pretendia seu autor; o "interesse" (pulsões de auto-conservação) não parece possuir o mesmo poder explicativo da "libido" (pulsões sexuais). O fantasma do "monismo" parecia ainda assombrar Freud; contudo, a idéia da luta da vida contra a morte era algo que há muito estava insinuado na psicanálise e o ajudaria a redimensionar a teoria sua das pulsões.

2. 2 Nirvana

O texto de 1920 não recebe o título de ***Além*** *do princípio do prazer* apenas para ter um maior efeito literário. Até meados dos anos 20 a psicanálise seguia por caminhos que asseguravam uma certa majestade ao princípio de prazer. Este princípio fornecia as coordenadas do movimento interno do aparelho anímico. Em diversos momentos da elaboração teórica freudiana poderíamos perceber, às vezes mais, às vezes menos explicitamente, a submissão do processo secundário em relação ao processo primário. Pois, a busca pelo primeiro objeto de desejo nunca seria abandonada inteiramente; sempre havendo a possibilidade de satisfações substitutivas.

Se a clínica psicanalítica era fonte de inspiração teórica e de corroboração de conjecturas, era também permanente fonte de desafio. Fora com a prática clínica que Freud se deparara com casos cuja sintomatologia desafiava o seu atual arsenal explanatório.

Alguns indivíduos, aos serem vitimados por violentos traumas, apresentavam como sintoma a repetição, sob a forma do sonho, daquele evento penoso. Mas, se era função do aparelho anímico esquivar-se do desprazer, se o sonho era uma realização de desejo, então, seria possível a revivência do desprazer?

unesp

O evento traumático colocava esta explicação em xeque. O trauma pensado como um fenômeno externo que imiscuía-se na vida do indivíduo não fazia referência a nenhum tipo de satisfação primária.

Este contexto levaria Freud a interrogar-se acerca da natureza do trauma. Ele idealiza um quadro hipotético, no qual a "vesícula" seria atacada por uma carga de estimulação forte o bastante para romper a proteção anti-estímulo, deixando o núcleo dessa "vesícula" a mercê da catexia invasora. Em condições normais todo o estímulo que passasse pelo escudo da camada externa da "vesícula" seria "capturado" pela mesma, podendo tanto ser expulso por uma descarga motora imediata, como ser "retido" e utilizado futuramente. O próprio Freud já havia postulado que o "sistema nervoso tende a dominar os estímulos" (1915), ou seja , a "vesícula" *tenderia* a "ligar" a energia "livre" que se insinua a partir do meio externo (sobre o quê essa ligação é realizada é uma questão a que retornaremos mais tarde).

Isto posto, a pergunta pendente é: o que ocorreria numa situação de um grande choque energético vindo de fora, tal como um trauma ?

Esta "situação" corresponderia ao rompimento da camada protetora e, consequentemente, à invasão de um volume de catexias muito maior do que a "vesícula" estaria apta a "controlar". Neste caso, Freud conjecturou que, como medida emergencial, as camadas interiores da "vesícula" lançariam mão de toda a energia ligada disponível para ligar o máximo possível da "carga invasora", (ou pelo menos aumentar as ligações na região de fronteira) com vistas a impedir o seu próprio

aniquilamento. Essa emergência hipotética revela a um só tempo duas idéias muito importantes. Primeiro, por se tratar de uma reação a algo que escapa da capacidade do aparelho de "domínio de estímulos", essa reação seria anterior ao princípio (função) de prazer, pois este só seria válido para cargas *já ligadas*; assim sendo, a tendência para ligação não só é independente do princípio de prazer como é mais fundamental. Por outro lado, se o princípio de prazer se encontra inoperante, aquele *princípio de ligação* consegue somente "isolar" a área invadida reforçando as ligações nas fronteiras do influxo agressor. Assim sendo, aquela quantidade excessiva de estímulos não é "ligada", e justamente por isso não pode ser "expulsa" através de uma descarga motora. Desta forma, esta "zona isolada" se faz sentir no psiquismo como uma demanda não atendida, criando um efeito compulsivo, o qual tende a permanecer indefinidamente até que o aparelho anímico tenha condições de reintegrar aqueles estímulos, algo que muitas vezes só é obtido através da terapia.

Com a abertura da possibilidade para se pensar o princípio de prazer também como uma tendência para o nivelamento mortal que fora "contida" pela tendência à ligação, podemos constatar que:

> ...*Uma pulsão seria então um esforço*[pressão], *inerente ao organismo vivo, de reprodução de um estado anterior* que o vivo abandonou devido o influxo de forças perturbadoras externas; seria um destino da elasticidade orgânica ou, dito de outro modo, a exteriorização de uma inércia na vida orgânica. (A.E, vol. XVIII, p. 36).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Acompanhando o raciocínio freudiano, nos defrontamos com uma cosmogonia cujo estado *in natura* é o estado de desorganização da matéria e, sendo assim, somos levados a "anotar os êxitos do desenvolvimento orgânico na conta de influxos externos, perturbadores e desviantes".(A.E, vol. XVIII, p. 37).

Seguindo uma lógica análoga do processo primário e secundário, constatamos que o nivelamento dos estímulos "tendendo a nível de quantidade =zero" é mais fundamental do que seu "desvio" orgânico que constitui a vida; esta portanto não faria mais do que adiar o inevitável. O desdobramento dessa idéia nos leva ao mesmo ponto de Freud ao postular que:

> ... *A meta de toda a vida é a morte*...[ou ainda] ...O organismo só quer morrer a sua maneira [grifo nosso]... (A.E, vol. XVIII, p. 38-39).

Apesar da bela poesia contida nestas frases, devemos nos acautelar de maneira a nos proteger de possíveis equívocos.

O mais evidente destes equívocos seria o de confundirmos a natureza do **telos** presente naquelas assertivas. A idéia de morte ou de finitude para o orgânico não é a de um simples e infeliz ajuste estabelecido secundariamente, no sentido de um *a posteriori*, no interior do organismo. Ou mesmo, ainda um produto acumulado dos danos sofridos ao longo de certo período de tempo. A questão estaria sendo colocada por Freud em termos mais radicais.

Ao adotar a terminologia de Barbara Low e postular a existência de um princípio de Nirvana, Freud poderia estar fazendo as pazes com o princípio de inércia neurônica. Não se trataria de recuperar um texto proscrito, mas sim, do ressurgimento de uma idéia, a saber, a "tendência a nível de quantidade=zero". Freud postula sua definitiva versão do princípio de constância; segundo ele, a tendência da vida anímica seria a de atingir um nível de excitação o mais baixo possível. Esta versão está diretamente vinculada à maneira particular como Freud interpretara o princípio de constância de Breuer. Este último dividiu a energia que circulava no sistema nervoso em excitação quiescente ou tônica (ligada) e excitação cinética (livre); o ponto **ótimo** dependeria de um equilíbrio entre ambos os níveis de excitação, cuja dinâmica suporia um estado inicial de maior energia quiescente, sendo esta progressivamente transformada em cinética até atingir o ponto ótimo. Já em Freud a energia livre é que se encontra em estado primacial, e a meta da vida anímica seria ligá-la o máximo possível. Tudo isso a primeira vista causa uma embaraçosa estranheza. A constância na sua versão breueriana pareceria ser mais coerente do que esta estranha junção entre constância e Nirvana feita por Freud.

Para Breuer, inspirado nas funções fisiológicas do corpo, haveria um ponto ótimo a ser **visado** pelo sistema nervoso e, mesmo que este apresentasse ocilações, estas estariam influênciadas pelo ponto médio ideal, configurando assim uma faixa de variação (fig. 01).

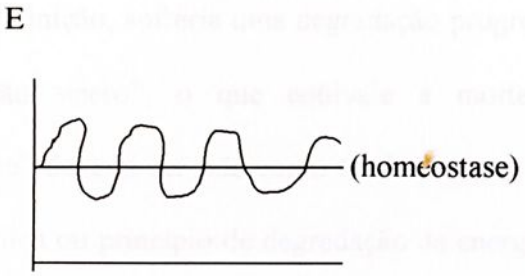


Fig. 01

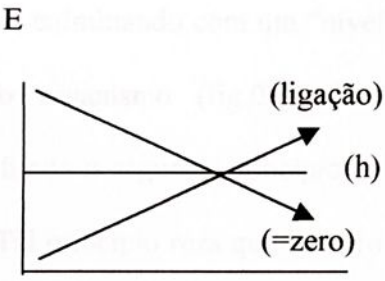


Fig. 02

Por outro, lado a proposta freudiana é mais radical, pois *o princípio de constância não é originalmente algo visado, mas o resultado conflituoso entre tendências opostas.* Conforme a figura 2, podemos isolar um ponto médio a partir da intersecção entre uma tendência conectiva e outra tendência disjuntiva. Muita da confusão gerada no entendimento destes diferenças refere-se ao nível de descrição em que cada um dos autores se situou. A repetição expressaria – alternada ou simultaneamente – tanto a "pressão" exercida pela tendência disjuntiva, que levaria o "todo" orgânico de volta ao estado inanimado; como a tendência conjuntiva, que, em contrapartida, ajudaria a "ligação" a promover o "desvio" da vida. Ambos os movimentos estariam situados, com base especulativa, em um estágio limiar ao da própria constituição da vida. A homeostase de Breuer descreve a dinâmica de um organismo vivo já constituído e portador de uma razoável complexidade; tanto assim que Breuer refere-se ao "sistema nervoso", ou seja um sistema altamente especializado dentro do corpo humano. Com efeito, o princípio de constância de Freud não é oposto ao de Breuer, ele está situado em um nível de descrição diferente. A "homeostase" de Freud se estabeleceria em um determinado período do tempo,

mas, por definição, sofreria uma degradação progressiva culminando com um "nível de excitação =zero", o que eqüivale a morte do organismo (fig.03). Essa "homeostase" deveria ser lida como tendo de pano de fundo o segundo princípio da termodinâmica ou princípio de degradação da energia. Tal princípio reza que "dentro de um sistema fechado, as diferenças de nível energético tendem para a igualização, de maneira que o estado final é de equilíbrio". [cf. Laplanche & Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*, verbete "princípio de constância"]. Todavia, é preciso ter em conta que o sistema considerado por Freud (seja na forma de aparelho psíquico, seja na forma de organismo vivo) não é, de modo algum, um sistema fechado.

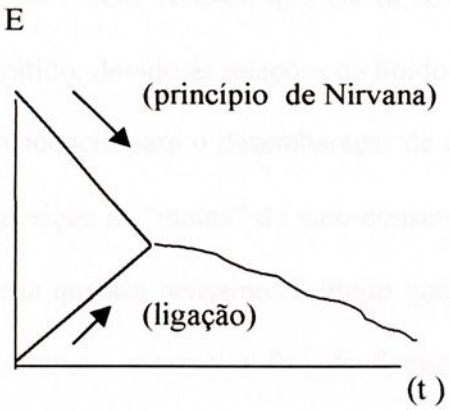


Fig. 03

A tendência disjuntiva fora considerada por Freud como a "mais pulsional" das pulsões, e denominada de *pulsão de morte*. Este contexto teórico gera a demanda de uma nova divisão das pulsões. Este novo arranjo salvaguarda Freud do embaraço monista a que até então sua teoria estava exposta.

2.3 Eros & Thânatos

Uma vez que as forças disjuntivas foram representadas pela pulsão de morte, que grupo pulsional passaria a ser entendido como o legítimo representante das forças conectivas? Se este lugar fosse concedido automaticamente para as pulsões de auto-conservação, então, qual o papel desempenhado pela sexualidade?

Ora, a sexualidade não havia sido colocada do lado oposto da auto-conservação unicamente para a conveniência do dualismo pulsional buscado por Freud. Se é bem verdade que ela (a sexualidade) não assegurava um recorte dual muito nítido, devido às relações da libido com o ego, ainda assim ela parecia assinalar uma tendência para o desembaraçar de excitações, algo que estava em princípio em contraposição às "metas" da auto-conservação. Esta questão torna-se um pouco mais complexa quando pensamos a libido que, como energia da pulsão sexual, orienta-se para o mundo externo a fim de formar totalidades cada vez maiores. Somos da opinião que este problema em muito deve-se à condição de amálgama em que estão mergulhadas as pulsões.

Ao reencontrarmos o narcisismo, deparamo-nos com maneiras particulares de entendermos a relação do *dentro* e do *fora* na vida anímica. O curioso é que o narcisismo é eminentemente libidinal e, no entanto, comporta-se de maneira análoga à das pulsões de auto-conservação. É o momento de explorarmos um

pouco a questão em torno da "busca pelo objeto" tendo em vista ser ela, nas suas diferentes formas, um "molde" para nossas relações com o mundo externo.

Dois dos "destinos" da libido desenvolvidos por Freud em *Pulsões...* são a reversão (da pulsão) ao seu oposto e o retorno em direção ao próprio eu (self). O primeiro caso divide-se em dois processos: a mudança de atividade em passividade, e a reversão do conteúdo da pulsão. A atividade-passividade manifesta-se em escopofilia-exibicionismo e sadismo-masoquismo. Esse retorno na direção da própria pessoa "nos é mais compreensível se pensarmos que o masoquismo é sem dúvida um sadismo voltado para o próprio eu, e a exibição inclui um olhar do próprio corpo" (A.E, vol.XIV, p. 122). Esse é um dos mecanismos mais marcantes da idéia de alteridade, pois, aquilo que procuro em mim deverá ser encontrado no e através do outro.

Essa relação com a alteridade dá-se também pela "reversão" de amor em ódio. O "amor" estaria diretamente vinculado a idéia do prazer; o sujeito "amaria" o objeto que satisfizesse (mesmo que por substituição) as pulsões sexuais; ou seja, "amar" seria um apêndice da função de reprodução. Já o ódio apresentaria-se como sendo uma reação preventiva das pulsões de auto-conservação que também tendem a evitar o desprazer. Neste ínterim o sadismo, na sua condição de perversão, seria uma "estranha" mistura entre as pulsões sexuais e de auto-conservação, visto que sua satisfação adviria do sofrimento alheio.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Ao masoquismo restaria apenas a condição de um processo de "retorno" do sadismo sobre o ego, o que implicaria numa obtenção de prazer pela identificação com o outro que tortura.

Tanto o masoquismo quanto o sadismo forneceram a Freud os elementos para se pensar o difícil movimento de fusão e desfusão da pulsões. Estas idéias apareceriam no capítulo V de *O ego e o id* (1923), onde se advertia:

> ...Como conseqüência da união dos organismos elementares unicelulares em seres vivos pluricelulares, se havia conseguido neutralizar a pulsão de morte das células singulares e desviar em direção do mundo exterior, pela mediação de um meio em particular, as moções destrutivas. Este meio seria a musculatura, e a pulsão de morte se exteriorizaria agora – provavelmente só em parte - como *pulsão de destruição* dirigida ao mundo exterior e a outros seres vivos. (A.E, vol. XIX, p. 42)

Se por um lado Freud se depararia com a possibilidade de um princípio de prazer que servisse tanto a Thânatos como a Eros, a sexualidade não deixaria de guardar uma certa dualidade. Mesmo tendo sido enfaticamente vinculada às pulsões de auto-conservação por seu caráter conjuntivo, ela (a pulsão sexual) não trafegaria entre o mundo e o ego de forma pura; visto que, em alguma medida, ela sempre se apresentaria vinculada à pulsão de morte. Aliás, seria justamente a libido que "mostraria" à "pulsão de destruição" o caminho dos objetos; o grau de mistura entre ambas determinaria o componente sádico na relação com o objeto.

unesp

Ao vasculharmos os textos de Freud encontramos uma idéia significativa para pensar a questão da mescla pulsional, a saber, que poderia haver "uma energia deslocável, em si mesma indiferente, que poderia agregar-se a uma moção erótica ou a uma destrutiva qualitativamente diferente, e elevar seu investimento total ..." (A.E, vol. XIX, p.45)

À primeira vista Freud poderia estar jogando pela janela todos os ganhos que, obtidos a duras penas, afirmariam o dualismo inerente a sua a teoria. Na verdade o que está em jogo é o estatuto existencial de suas pulsões. Se é verdade que elas aparecem mescladas isso não quer dizer que apareçam como uma só. Podemos perceber isso enquanto damos um rápido passeio pela Segunda Tópica.

2.4 O ego e o id

O texto *O ego e o id* surge em 1923 com a tarefa de refazer a geografia do aparelho anímico freudiano. As nomenclaturas consciência, pré-consciência e inconsciência não eram mais suficientes para explicar certos aspectos da vida anímica. Assim sendo, Freud constrói aquela que ficaria conhecida como a Segunda Tópica.

A idéia de consciência e de inconsciência não desaparece, apenas recebe novas atribuições; trata-se na verdade de transformá-las em noções descritivas

e aplicá-las a novas noções que seriam entendidas como correspondendo a sistemas do aparelho anímico.

Essa nova abordagem começa pelo ego; ele não pode mais ser identificado como correlativo à consciência. Muito embora o ego seja "uma organização coerente dos processo anímicos de uma pessoa"(AE, XVIII, p.18), nem todos esses processos serão necessariamente conscientes. As funções defensivas, por exemplo, são parte integrante do ego e, no entanto, permanecem fora da consciência. Neste novo quadro, o ego desempenharia o papel de zelador do aparelho anímico; caberia a ele mediar os conflitos psíquicos. Mais especificamente, o ego passaria a se situar no "olho do furacão", tendo que permanentemente servir a três senhores diferentes, cada qual fazendo uma exigência díspar.

A realidade é a primeira senhora do ego; pois, a imposição da presença da mesma muitas vezes, senão na maioria delas, significa um impedimento à satisfação imediata do desejo tal como exigido pelo processo primário. Outro ponto relevante seria o do id não abranger mais a totalidade dos conteúdos inconscientes. A investigação clínica trouxera a idéia de uma *culpa inconsciente* que levantaria barreiras para a cura terapêutica; o paciente "acredita" que *deve* padecer seus sintomas; sendo assim, temos conteúdos *recalcados* que são inconscientes, e partes da própria instância *recalcante, o* ego, como também sendo inconscientes. Se os novos domínios do ego foram expandidos pela geografia da segunda tópica – incluindo a consciência e a pré-consciência – o mesmo terá que lidar com talvez o mais cruel dos seus "novos" senhores: o superego.

unesp

O superego surgiria como instância censora, muito embora a efetivação do recalcamento fosse uma função do ego; a gênese do superego fora atribuída a vestígios resultantes do desmantelamento do complexo de Édipo; o processo de indentificação com os pais retirará os mesmos da condição de objeto de desejo. A autoridade paterna irá sobreviver no interior do ego e passará a cobrar-lhe um comportamento condizente com seus ditames. Apesar de ter suas catexias também originadas no id, o superego em nada deixa a dever às outras instâncias quando a questão é o rigor das exigências.

Finalmente, o id: a região mais obscura do aparelho anímico. O id chega a ser descrito como um "caldeirão fervente" dada a sua condição "caótica". O id é por excelência o reservatório da libido, o lugar de onde emergiriam as pulsões. Com efeito, ele se encontrara "aberto para o somático"; "não concentraria uma vontade global, somente o ímpeto de procurar satisfação das necessidades pulsionais com observância no princípio de prazer"(AE, XXII, p. 68).

O que nos chama a atenção na Segunda Tópica é a possibilidade de percebemos o processo de constituição das suas instâncias psíquicas de acordo com as relações entre energia livre e energia ligada. Ao falar em "abertura para o somático", Freud está colocando o id como o primeiro sistema a receber a pressão dos estímulos endógenos. Estes estímulos habitariam o id em um estado de quase total desligamento; transbordariam dele, rumo aos demais sistemas na forma de "pulsão de agressividade" e de "pulsões eróticas"(de vida), via seus representantes no psiquismo; desta maneira, a energia psíquica das pulsões sexuais (libido) pode tanto

unesp

alimentar Eros como Thânatos. Se o id encontra-se sob os ditames do princípio de prazer, podemos deduzir que esta instância está aquém do princípio de ligação; é preciso um mínimo de ligações estabelecidas para configuramos aquilo que entendemos como aparelho anímico. Quando Freud fala em energia indiferenciada ele estaria situando-se num plano anterior ao das primeiras ligações; neste plano não teria sentido falarmos em Eros ou Thânatos por que estaríamos numa situação mítica em que não haveria nada ligado ou desligado. A formação do ego corresponderia (muito semelhantemente ao *Projeto*) a um aglutinado de ligações entre representações cujo regime de operações estaria subordinado aos processos secundários. O recebimento de novas catexias, oriundas do id, e em baixo estado de ligação, forçaria o ego a tentar ligá-las em seu próprio benefício, incluindo a possibilidade de armazenar "quantidade extras" a serem utilizadas como "defesa" via contra-investimentos.

Assim sendo, encontramos um "espaço" que se constitui como aparelho anímico, na medida em que se recorta por "dentro" criando "espaços" internos com funções próprias; a consolidação desses sistemas depende do armazenamento e controle das tendências conectivas e desconectivas (pulsões de vida e morte) que os assediam. A culpa é o caso mais emblemático desse gerenciamento de forças efetuado pelas instâncias psíquicas. Para livrar-se da pulsão de morte, o ego canaliza a agressividade para objetos do mundo exterior; entretanto, este "objeto" pode ser uma pessoa pela qual o indivíduo também nutre afeto. Nesta situação, o superego, na função de "consciência moral", infligirá sofrimento ao ego "atacando-o"

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

com as quotas de pulsão de morte sobre seu controle. Daí Freud por vezes dizer que o "prazer" de um sistema pode significar "desprazer" em outro.

Com base nos postulados até aqui examinados, podemos isolar dois elementos de grande relevância para nossa hipótese de trabalho. A dualidade, que Freud julgava fundamental à psicanálise, apresentaria-se ao longo de sua história sob diversas roupagens; desde suas funções operacionais elementares, função primária e função secundária; passando pela oposição entre seus princípios, princípio de prazer e realidade, princípio de constância e Nirvana; chegando as forças mítico-originárias que corresponderiam as próprias forças responsáveis pela formação da vida e seu aniquilamento, as pulsões de vida e morte.

O outro elemento é complementar ao anterior. Tratar-se-ia de uma relação de oposição/colaboração, uma vez que, estas forças opostas costuram alianças de ocasião nos intervalos entre suas constantes batalhas.

Resta-nos passar para o segundo objeto de nossa reflexão, o exame da teoria de auto-organização.

unesp

PARTE 2 : A TEORIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO

CAPÍTULO 3

3. 1 Informação, ruído e máquinas

O primeiro esclarecimento necessário ao falarmos de uma "teoria da informação" aponta para o cuidado de não derivarmos esta noção de pressupostos antropomórficos. A idéia dos pesquisadores da área era evitar o círculo vicioso, com o qual nos depararíamos ao tentar explicar os processos informacionais fazendo uso de termos como "linguagem" ou "representação", os quais já pressuporiam uma estrutura informacional. No rastro daquilo que a informação tivesse de mais elementar, surgem os trabalhos de Claude Shannon cuja proposta era a de que a informação seria passível de ser expressa matematicamente, independentemente das querelas acerca do significado (ou do conteúdo) de uma mensagem.

Shannon (Dupuy, 1995) era, antes de mais nada, um engenheiro de telecomunicações e como tal estava profundamente preocupado com a qualidade da transmissão e da recepção da informação. A maneira encontrada por ele para avançar neste programa de pesquisa foi a de comparar informação com entropia.

Acreditamos ser este o ponto central de muita confusão gerada no primeiro momento em que se toma contato com esta noção. Uma vez que se faz uso do termo informação, de uma maneira mais técnica, esbarramos naturalmente na sua

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

contra-intuitividade, por este se "opor" à maneira como o senso comum lida com a mesma idéia.

Nós normalmente entendemos "informação" como o grau de conhecimento que teríamos acerca de alguém ou de alguma coisa. Ou seja, um tipo de "certeza" obtida por um suposto observador. Com efeito, poderíamos dizer que usualmente a informação é vista como sendo igual ao grau de nossa certeza a respeito dos fenômenos na natureza.

Para a teoria da informação ocorreria justamente o contrário; informação seria vista como sendo igual à medida da incerteza sobre algum fenômeno da natureza; ou seja, trata-se muito mais de informação "potencial", pois, quanto maior for a nossa certeza, menor será o nível de informação *a ser apreendida*.

Podemos tornar isto mais legível à luz de um exemplo:

Imaginemos um sistema hermeticamente fechado; este sistema conteria uma razoável quantidade de partículas de uma matéria qualquer (não entraremos no mérito de questões referentes a um tipo particular de matéria e suas respectivas propriedades). Estas partículas se encontram em intenso movimento, o que as leva a se chocarem constantemente contra as paredes do sistema, e ocasionalmente, umas contra as outras. Se admitíssemos que as variáveis do sistema oscilariam entre 0 e 1, em termos da ocorrência de um determinado estado, este estado de confusão inicial teria uma probabilidade igual a 1; assim sendo, qualquer estado seria suscetível de ocorrer em seu interior. Não teríamos meios de identificar

nenhum tipo de padrão. Em outras palavras, o sistema não nos ofereceria nenhuma informação a seu respeito.

Contudo, com o passar do tempo, algumas colisões começam a gerar um "efeito acomodativo", as partículas antes completamente dispersas e independentes uma das outras estabelecem relações entre si; por exemplo, unem-se entre si gerando um padrão ou uma forma. A partir deste ponto um suposto observador terá condições de apropriar-se de algum tipo de "informação" acerca dos estados internos do sistema. Portanto, na sua formulação técnica, informação está vincula à idéia de "transmissibilidade".

Isto, por sua vez, suscita alguns paradoxos curiosos quanto comparamos este conceito com o seu par mais intuitivo utilizado pelo senso comum. Se imaginarmos um baú fechado, tenderíamos a pensar que este ofereceria mais informação na medida em que fosse aberto. Segundo a teoria a informação ocorreria justamente o contrário, pois as variáveis a serem explicitadas – o conteúdo do baú – iriam sendo progressivamente resolvidas na medida em que o baú fosse aberto, e com isso o nível de informação *cairia.* A ambigüidade estaria em que aparentemente, segundo aquela abordagem, a desordem teria mais informação a oferecer do que algo que estivesse ordenado. Esta é uma ambigüidade apenas aparente, pois a teoria da informação enfatiza o "potencial de transmissão" de uma mensagem, e não somente a mensagem recebida. Devemos sempre lembrar que o nascedouro desta teoria dá-se junto a engenharia de telecomunicações cuja preocupação com a comunicabilidade de uma mensagem era fundamental.

unesp

Neste quadro a TI (teoria da informação), ao ocupar-se da transmissão de mensagens, também ocupa-se dos fenômenos que interfeririam na integridade de transmissão das mesmas. Esses fenômenos receberam o nome de *ruído*, e este passou a ser entendido como um falha na transmissão da mensagem. Se por exemplo tivéssemos um transmissor A, e este enviasse uma mensagem a um receptor B, esta (a mensagem) só seria igual a 1 (ou 100%) caso aquela transmissão não fosse afetada por nenhum tipo de ruído; toda vez que ocorresse uma interferência (ruído) esta se subtrairia da integridade da mensagem, até o extremo em que B não receberia nenhuma mensagem.

Apesar do ruído ter sido concebido originalmente como desempenhado um papel negativo para mensagem, pesquisas realizadas em outros campos teóricos vieram a lhe conferir uma nova dimensão. Enfatizando uma dinâmica própria presente nos organismos ditos vivos, autores como Henri Atlan (1992) são levados a defender uma possível positividade do ruído.

Esta nova possibilidade de abordarmos a questão do ruído surge quando alguns pesquisadores da chamada segunda geração da cibernética (Dupuy,1996) são levados a comparar a eficiência de uma máquina artificial com a máquina humana.

Numa comparação ideal encontramos máquinas artificiais cujos componentes gozam de uma durabilidade formidável, enquanto os componentes da "máquina viva" são extremamente perecíveis; e entretanto, são justamente as

máquinas vivas que apresentam uma "maior confiabilidade de funcionamento". Como isto seria possível?

Imaginemos uma máquina artificial "A"; esta seria composta de componentes de alta precisão; estes, por sua vez, a habilitariam para desenvolver um "X" de respostas diferentes quando lhe fosse solicitado. Façamos este "X" eqüivaler à manutenção uma certa combinação de estados internos desta mesma máquina, que nomearemos de "E". Finalmente, adicionamos a estes estados uma quantidade de inputs "I" , agressões ou estímulos externos, e então obtemos:

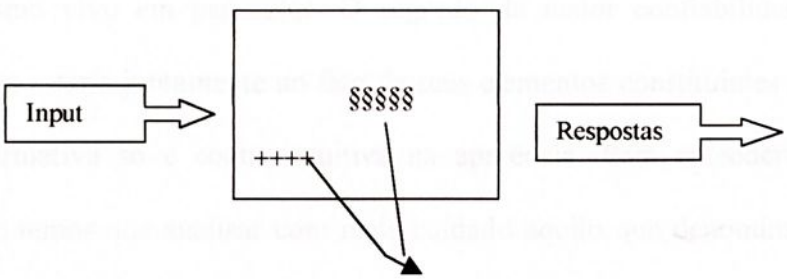


Fig.01 Estados internos E

A figura 01 corresponderia a nossa máquina "A". O grau de confiabilidade de uma "máquina" é medido por sua capacidade de dar respostas aos estímulos ou eventos aos quais ela seja submetida. Ao acionarmos o botão certo nós "esperamos" que o rádio-relógio acione seu alarme numa hora determinada. Esta "eficiência" da máquina "A" deve-se não somente à durabilidade de seus

componentes, mas, principalmente, à manutenção de seus estados internos. Consequentemente, este quadro só seria possível se e somente se "I" for menor ou igual a capacidade de respostas presentes em "E". Assim sendo, basta um estímulo ou input que não corresponda ao conjunto de respostas de que a máquina "A" disponha, para que esta apresente uma falha; no caso da nossa máquina ideal, isto poderia corresponder ao comprometimento da integridade de E, ou seja, a máquina quebraria.

O fascínio que levou alguns pesquisadores a se debruçar sobre o fenômeno do vivo estaria nesta incrível capacidade que as máquinas vivas teriam de operar com o aleatório. Nos termos da teoria da informação significaria que a confiabilidade da máquina viva não seria posta em xeque pelo efeito do ruído externo, desde que se respeitasse certos limites de adaptabilidade próprios de cada organismo vivo em particular. O segredo da maior confiabilidade deste tipo de máquina estaria juntamente no fato de seus elementos constituintes serem perecíveis. Tal afirmativa só é contra-intuitiva na aparência. Para entendermos melhor esta questão temos que analisar com mais cuidado aquilo que denominamos de "estados internos do sistema". Para começar, as máquinas vivas seguem uma lógica diferente daquela das máquinas artificiais pelo fato de se tratar de um sistema aberto. Isto significa que as partes que comporiam nossa máquina viva apresentariam simultaneamente um elevado grau de compromisso e de independência entre si. Atlan (1992) utiliza-se das noções de ambigüidade-autonomia e ambigüidade destrutiva para explicar este fenômeno. Peguemos como exemplo um sistema composto de dois elementos:



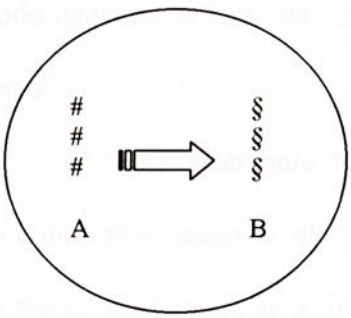


Figura 02

Se a figura 2 estivesse se referindo a um sistema fechado, então teríamos somente relações diretas e duras entre A e B; neste caso, teríamos um grau elevadíssimo de redundância na transmissão da mensagem no sentido A-B. Já em se tratando de um sistema "aberto", seria possível que algum input externo ao sistema penetrasse no mesmo, interferindo na mensagem A-B, seja bloqueando-a parcialmente, seja misturando-se à mesma na sua chegada em B. Neste caso temos a introdução de um certo nível de ambigüidade na mensagem. Com esta ambigüidade o elemento B ganharia uma dose de independência em relação ao elemento A, porque ele comportaria tanto a informação transmitida por A como a soma da mesma àquilo que lhe chegou como ruído. Desde que esta "independência" não fosse total – o que neutralizaria o caráter relacional de A-B solapando a própria integridade do sistema – este seria um fator de aumento de complexidade. A evidência disto não parece ser muito forte se nos atermos à simplicidade da figura 4; entretanto, se imaginarmos o impressionante número células presente no corpo humano, por exemplo, então

podemos conceber uma gigantesca rede de relações interacionais, as quais estariam mudando a todo instante. A fonte da "mudança" estaria na maneira como o sistema lida com o "erro".

O "erro" resultante de uma exposição ao ruído usualmente tende a ser entendido como algo negativo; algo muito razoável quanto estamos lidando com um sistema fechado. Entretanto, se o sistema em questão for um sistema biológico e, portanto, "aberto", ele se sustentaria enquanto sistema devido a sua capacidade de auto-reprodução. Não fosse esta capacidade de se auto-reparar o sistema orgânico não poderia compensar a extrema volatilidade de seus componentes. O ruído não produz somente sutis falhas nas mensagens entre elementos; sua natureza atritiva revela-se muitas vezes destrutiva e muitos componentes de um sistema orgânico são destruídos pela "agressão" do meio externo. É através da substituição de algumas de suas "peças" que a máquina viva consegue reconstruir uma parte danificada (a cicatrização de uma ferida por exemplo), o que lhe confere – dentro da sua capacidade – um alto grau de confiabilidade.

A idéia de um ruído positivo não se oporia à teoria da informação, pois, dada a complexidade da máquina viva, tenderíamos a dizer que o que fora negativo de maneira localizada pode ser positivo para o sistema como um todo. As seqüelas produzidas por uma agressão física não se limitariam unicamente a uma "cicatriz" na estrutura, mas também, há um registro da "dor" ou da "avaria" provocada por aquele evento, permitindo futuramente uma evitação do mesmo. Essa capacidade de "absorver" em vários níveis a aleatoriedade do ruído permitiria à

máquina viva transformar "ruído negativo" em "ruído positivo", convertendo assim aleatoriedade em redundância e acaso em informação.

Contudo, como bem assinala Atlan (1992), o tratamento da ambigüidade apresentaria uma duplicidade. A margem de "erro" asseguraria à máquina viva uma maior flexibilidade, a qual culminaria em maior poder de confiabilidade via capacidade adaptativa. Como resultado, ela ganharia em autonomia podendo desenvolver um conjunto sofisticado de respostas para o meio ambiente, aumentando seu coeficiente de sobrevivência. Em contra-partida, essa ambigüidade tenderia a acumular-se, visto que a máquina viva seria incapaz de se auto-reparar de maneira absoluta, o que levaria a um aumento de sua entropia, tanto pela destruição direta das "peças" que a compõem, como pelo aumento de sua independência mútua; isto, a longo prazo, levaria a um colapso do conjunto de relações que sedimenta a máquina viva, levando-a a entrar em um processo de decrepitude e, finalmente, levando- a à morte.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

CAPÍTULO 4

4.1 A dinâmica da auto-organização

Como ponto de partida para efetuarmos um exame da noção de auto-organização, podemos tomar como parâmetro a definição de Bresciani Filho & Loffredo D' Ottaviano (no Prelo) para o conceito de *sistema*:

> ... Um sistema pode ser inicialmente definido como uma entidade unitária, de natureza complexa e organizada, constituída por um conjunto não vazio de elementos ativos que mantêm relações, com características de invariança no tempo que lhe garantem sua própria identidade. Nesse sentido, um sistema consiste num conjunto de elementos que formam uma estrutura , a qual possui uma funcionalidade."[Bresciani Filho & Loffredo D' Ottaviano (no Prelo, p. 2)]

E tendo por base os mesmos autores, uma *organização* poderia ser identificada "pelo conjunto das características estruturais e funcionais de um sistema"(Bresciani Filho & Loffredo D' Ottaviano, no Prelo, p.9).

Esta idéia de "estrutura funcional" também já estava presente em Ashby (1962), e este, para examinar essa "entidade unitária", lançou mão da noção de "product space", que eqüivaleria a um espaço de possibilidades. A condição para a formação deste "product space" estava no grau de condicionalidade dos seus elementos. Não se trataria de um aumento, e sim de uma redução das possibilidades

presentes naquele espaço. Ashby tem em mente que a "emergência" de faculdades sistêmicas não ocorreria com um "amontoado" de elementos; seria necessário que estes se condicionassem mutuamente gerando um padrão de relações diferentes do meio externo, conferindo a estes elementos uma identidade sistêmica própria.

O próprio Ashby somente consideraria que uma organização só seria **boa** se ela mantivesse uma regularidade de seus comportamentos e se satisfizesse um determinado critério de avaliação. Por exemplo, uma forma de organização **boa** para um engenheiro, poderia estar na confiabilidade ou na durabilidade a longo prazo da mesma; para um biólogo, estaria atrelada à sua capacidade de "sobrevivência ao longo do processo de seleção natural"(Ashby,1962,p. 262).

Parece-nos ser um ponto de convergência entre os vários autores a necessidade de uma relação de sinergia entre os elementos de um determinado sistema; e ao mesmo tempo, entende-se que estes deveriam guardar um grau de independência entre si. A primeira pergunta a ser feita é: como seria possível esse "acordo" entre tendências opostas, ou melhor, haveria mesmo isto que nomeiam por "auto-organização"?

O que tornaria a auto-organização tão singular seria sua condição de "emergir" por suas próprias condições e forças, sem nenhuma determinação prévia ou planejamento. Contudo, isto se faria possível no próprio momento de instauração do processo e "não por geração espontânea ou 'arrancando-se' do vácuo" (Debrun, xxxiii, 1996).

O prefixo "auto" carrega consigo diferentes ângulos de abordagem para esta questão. O surgimento do processo de auto-organização seria algo mais do que um equilíbrio de forças (Morin, Debrun, Ashby). As auto-conexões (Ashby) que constituiriam a "forma", seriam um "ajuste" (Debrun) entre seus componentes. Vamos seguir um pouco o roteiro elaborado por Michel Debrun para descrever os passos da auto-organização.(Debrun, xxiii-xlii, 1996).

Primeiramente, como já fora assinalado, não existiria nenhum ajuste prévio, ou pré-determinado, no processo de auto-organização. Justamente por se tratar de um *processo* ele é dinâmico e seu início e desenvolvimento se dariam a partir de um "aqui e agora".

Do "encontro", ou do "choque" de linhas causais independentes (acaso), poderiam formar-se pontos de equilíbrio a partir dos mesmos. Todavia, esses pontos poderiam oscilar de maneira a promover tanto um desmonte da própria situação de equilíbrio, como ao caso oposto, em que uma destas "oscilações" (de maneira totalmente aleatória) ganharia mais vigor impulsionando[2] a manutenção e até o desenvolvimento daquele quadro de equilíbrio. Esta situação limítrofe, entre um acidente de linhas causais distintas, um instante de equilíbrio e o aparecimento da "forma", segundo Debrun, representaria um *corte* com o passado; poderíamos dizer, seria mesmo a própria formação do tempo do processo. Assim, concordamos com

[2] Debrun usa a expressão "impulso inicial".



Debrun quando ele diz que "o impulso inicial assegura o aspecto 'auto' da auto-organização"'.

A "multiplicidade" também é citada por Debrun como sendo de grande relevância para o entendimento da auto-organização. Para ser válida para o processo ela precisaria ser "real e igualitária". Debrun está se referindo a elementos que sejam "realmente distintos" entre si, caso contrário, não haveria ponto de amarração, pois o ajuste entre as séries causais já estaria fortemente orientado pelas características dos elementos envolvidos. Decorre deste aspecto a necessidade de igualdade de forças; a idéia invocada é a de não haver uma predominância, isto é claro já foi dito, mas, até aqui, era no sentido das qualidades combinatórias dos elementos. Esta igualdade seria para evitar que a quantidade excessiva de um dos elementos gerasse uma combinação pré-determinada, ou um agente hegemônico no processo. Atender esta necessidade de multiplicidade é assegurar um autêntico "corte" que crie as condições para o surgimento do tempo do processo.

No que tange à natureza dos processos destacamos a noção debruniana de "atrator". Um atrator é um lugar de aglutinação, um elemento ou conjunto de elementos que se destacam no interior do processo. Isto não significa um centro diretor forte, mas algo mais próximo a um "orientador", um importante colaborador, mas ainda assim um colaborador. Nesse texto, Debrun sugere o cérebro humano como exemplo, pois, apesar de aparentemente tomar *todas* as decisões, na realidade ele está inserido numa totalidade maior (o corpo humano) e não pode *exigir*

unesp

tudo o que quer, na maioria das vezes pode apenas *solicitar* que seus ditames sejam atendidos.

Finalmente, Debrun aborda o ruído; apesar de lhe conferir um papel mais modesto do que o dado por Atlan, reconhece o seu papel de catalisador dentro do conjunto de relações inerentes ao sistema que se auto-organiza. Com efeito, o ruído poderia intervir nas interações entre as partes envolvidas, e assim modificar o ajuste estabelecido; ele poderia variar tanto em sentido de um "ganho", como ter uma ação neutra e até negativa para o processo. O ponto de sutil divergência estaria no fato de Debrun , ao contrário de Atlan, creditar à qualidade de auto-organização uma "lógica de fechamento".

> '"No limite a auto-organização pode desembocar na constituição de verdadeiros "quistos"' (DEBRUN, xli, 1996).

Ashby (1962), por seu turno, sustenta que esse movimento de "evolução" do sistema corresponderia ao coeficiente de conectividade do mesmo. Num primeiro momento, existiriam elementos sem nenhuma conexão mútua, totalmente independentes; a partir de uma mudança aleatória, se estabeleceriam entre eles as primeiras conexões que, uma vez estabelecidas, passam no instante seguinte para o outro nível de auto-conexão, que chamamos de intersistêmico. Deste ponto em diante, o que fica em evidência não é mais a relação entre elementos e sim a relação entre sistemas.

Ashby (1962), Atlan (1992), Morin (1996) e Debrun (1996) parecem convergir no quanto seria indispensável para o aperfeiçoamento dos processos de auto-organização que os sistemas uma vez constituídos venham a somar-se a outros, criando sistemas maiores.



Fig.03

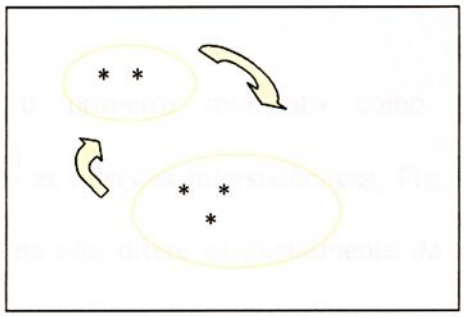


Fig. 04

O primeiro quadro Fig 03, corresponde ao primeiro momento já conhecido por nós, o de independência entre os elementos. O segundo quadro corresponde então ao segundo momento. Neste instante as primeiras conexões geraram sistemas primitivos, os quais passam a relacionar-se entre si.

Estas relações são fundamentalmente baseadas na comunicação (no sentido da teoria da informação); esta comunicação pode ampliar as relações entre estes sistemas simples de modo a agregá-los sob o manto de um sistema mais complexo.

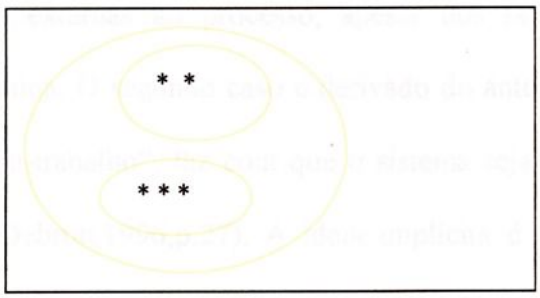


Fig. 05

Michel Debrun nomeou o primeiro momento como auto-organização primária, e o momento "final" – as relações intersistêmicas, Fig. 05 – como auto-organização secundária. Esta última não difere essencialmente da auto-organização primária, visto que trata-se de uma complexificação desta mesma. No nível primário, podemos arrolar praticamente as mesmas condições para sua ocorrência: distinção real entre seus elementos, a multiplicidade dos mesmos, impulso inicial e a influência ou não do ruído ambiental. Contudo, para melhor entendermos aquilo que Debrun chama de "lógica de fechamento", precisamos retomar o caminho trilhado pelo sistema quando este passa do seu estágio mais primário até atingir uma forma mais acabada.

4. 2 Endogenização

O surgimento dessa qualidade de "endogenia" na auto-organização deve-se, inicialmente, a dois pressupostos debrunianos: o "trabalho de si sobre si" e a

"centração". O primeiro trata da marca distintiva da auto-organização que é a ausência de determinações externas ao processo, apesar dos fatores ambientais contribuírem para sua dinâmica. O segundo caso é derivado do anterior; o "trabalho de si sobre si", ou um "auto-trabalho", faz com que o sistema seja "cada vez mais 'voltado para si mesmo'"(Debrun,1996,p.27). A idéia implícita é a de uma auto-referência progressiva. Tudo começa a partir do corte inicial; quando ele ocorre, instaura-se uma ruptura na história individual dos elementos que venham a tomar parte no processo. Essa ruptura é marcada pelas novas relações nascentes do "encontro" entre séries causais. A ausência de condições determinantes prévias para este encontro já fora abordada anteriormente; nosso interesse está na nova realidade fundada por este mesmo encontro. Estamos falando de um aspecto de "cumplicidade" entre os componentes do processo, pois forma-se entre eles relações de cooperação e competição até então inéditas; suas qualidades individuais – força, resistência, velocidade etc. – serão inibidas, estimuladas, desviadas ou mesmo neutralizadas. Os elementos que passam a se auto-organizar assumem uma "identidade coletiva" ou de grupo, a qual passa a diferenciar-se daqueles que não foram apanhados na sua rede de interações. Portanto, o corte responsável pelo surgimento de um determinado processo de auto-organização funda um "espaço" de interioridade; simultaneamente, estabelece-se uma exterioridade àqueles elementos que não sofrem a ação daquela auto-organização. Para Debrun, o "sucesso" da auto-organização pressuporia a consolidação da dinâmica do sistema; mas, por outro lado, isto implicaria no

unesp

estabelecimento de uma "direção" ou "meta" para o processo, e como sabemos tal fato é incompatível com a própria idéia de auto-organização.

Ao nos colocar a par de que a auto-organização será enfocada "dentro de uma abordagem neo-mecanicista", Debrun (1996) utiliza-se de expressões para referir-se à dinâmica daquela "como não tendo uma finalidade", ou frisando a ausência de "uma tendência imanente prévia". Entretanto, na mesma seção (1996,p.28), ele reconhece que "certos elementos possam pretender controlar o processo, mas sem êxito"; ou ainda:

> ...Esses desejos, projetos etc., não devem ser encarados, apenas, como comportamentos dotados de significação, mas também como forças que se cruzam, se combatem ou se aliam, e cuja resultante determina a evolução de uma situação até que, eventualmente, intervenha um ajuste organizacional. (Debrun, 1996, p. 28)

A saída por nós encontrada é a de assumirmos a existência de uma meta no processo de auto-organização, mas, não tratar-se-ia de uma meta ou finalidade única e pré-determinada, e sim de uma finalidade resultante do embate entre finalidades localizadas e distintas.

A idéia de "elementos tentando controlar o processo" leva-nos inequivocamente a uma retomada da noção de atrator.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Se retomarmos a cronologia do processo constataremos que de início a auto-organização não desempenha nenhum tipo de função. "Trata-se de um desenvolvimento selvagem"(Debrun, 1996, p.29). O aparecimento ou a sedimentação do atrator é o evento responsável pelo nascimento do um sentido, direção, ou ainda de uma finalidade para a dinâmica compartilhada pelos elementos que estão se auto-organizando. Este é um ponto delicado na análise de Debrun, porque o surgimento do atrator deve ser no e pelo processo mesmo, ou seja, não pode se tratar de atrator pré-estabelecido. Ora, se o atrator é produto originário da história do processo, então como assegurar a sua existência? Ou mais, como podemos sequer ter uma certeza quanto ao seu surgimento ou não? Voltamos, uma vez mais, ao aspecto distintivo da teoria de auto-organização: não podemos ter certeza quanto ao surgimento, a quantidade, ou a sobrevivência de um atrator dentro do processo. O atrator é uma "sedimentação" do "arranjo" de relações que se iniciam "selvagemente" com a auto-organização primária; essa sedimentação pode ocorrer de variadas maneiras, pode ainda se desfazer, abortando o sistema recém-constituído. Essa é a dupla mão para o desenvolvimento do processo: de um lado, a constituição de um atrator irá desencadear um reforço progressivo de certas relações, ocasionando uma solidificação das relações que constituem o sistema. É neste sentido que podemos entender a idéia debruniana de "lógica de fechamento". Por outro lado, esse resultado é aleatório, i.e., também é perfeitamente possível um retrocesso dessa "cristalização". Debrun enuncia dois casos em que ocorreria a última situação.



Quanto não se constitui um atrator suficientemente forte, os elementos do processo tendem a apresentar um caráter de demasiada dispersão. Para Debrun, essa "situação constitui, no limite, uma situação de 'não sistema'"(Debrun, 1962, p. 40); em outras palavras, o sucesso de um processo dito como auto-organizado depende diretamente do aparecimento de um ou mais atratores. Paradoxalmente, como já assinalamos, é a sedimentação deste mesmo atrator que "tende a imobilizar o processo"(Debrun, 1962.p 37). Com efeito, apesar de reconhecer essa ambigüidade quanto ao papel desempenhado do atrator dentro da auto-organização, Debrun irá deixar aberta a possibilidade de que "provocações externas" possam permitir um novo "acesso ao mundo"; em outros termos, o ruído teria a função de manter "viva" a criatividade, a busca de soluções, a adaptação etc., da auto-organização.

Haveria ainda um outro caso, bastante singular, capaz de atravancar o processo de auto-organização: a auto-organização negativa. Nesta situação, ocorreria a formação de múltiplos atratores cujos esforços não conseguiriam se coordenar; haveria, portanto, um momento de "travamento" das relações, visto que os "centros" competidores anulam mutuamente suas ações e nenhum deles é capaz de estabelecer uma liderança. Este tipo de impasse impede a consolidação do sistema podendo levar inclusive a sua ruína, salvo, é claro, se uma "provocação externa" desequilibre a balança em favor de um atrator qualquer, permitindo que este alavanque uma retomada da dinâmica do processo.

unesp

Em suma: a formação do atrator é uma condição necessária – porém, não suficiente – para a consolidação do processo. Um sistema que seja reconhecido como auto-organizado precisa ser um sistema aberto, isto é, as contingências externas irão afetá-lo de maneira a preservá-lo, ou acelerar a sua destruição. Essa "constante abertura para o mundo" combinada com a estruturação de uma forma serão as condições necessárias para o estabelecimento de uma auto-organização secundária. Ao atingir este estágio – como acontece nas auto-organização humanas – tornam-se possíveis relações intersistêmicas; poderão ocorrer auto-organizações entre formas já constituídas, sendo que essas passarão a compor uma nova identidade "coletiva", agora entre sistemas, numa relação de cooperação/independência com a sua identidade "individual" – a "face-sujeito" – apresentada pela forma.

4. 3 Auto-organização, Sujeito e Identidade

Alguns dos nossos autores estenderam as discussões em torno da teoria da auto-organização para outros territórios, aplicando esse referencial teórico a áreas como a sociologia e a antropologia. E alguns deles fizeram considerações filosóficas acerca da relação entre a auto-organização e a subjetividade, ao se interrogarem sobre a possibilidade de se falar de um Sujeito da auto-organização.

unesp

Debrun assume uma postura bastante cética a respeito da idéia de Sujeito na auto-organização. Ele chega a falar em "face-sujeito" dentro do processo auto-organizador, porém, esta noção estaria fortemente vinculada a idéia de "auto" e a de "atrator".

O surgimento da "face-sujeito" estaria criando as condições para o "término", pelo menos enquanto tendência, da auto-organização secundária. Esta "face" é a "face" do conjunto das relações internas e, consequentemente, externas, que a forma passaria a apresentar na mesma medida em que, internamente, seus agora sub-sistemas começassem a operar de maneira extremamente especializada, garantindo um padrão mais ou menos estável de auto-referência. É esse comportamento que corresponderia a uma "cristalização" do sistema. A "face-sujeito", seria portanto, a *face da solidificação da identidade do sistema* .

Se para Debrun esta identidade de um conjunto de relações teria muito pouco a contribuir para as especulações em torno da idéia de sujeito, Atlan mostra-se mais otimista a este respeito:

> "... Já se vão muitos anos, a morte do homem foi anunciada. As tentativas lúcidas e brilhantes que analisam seu processo desencadeiam, muitas vezes , um horror santo, na medida em que exprimem, ao mesmo tempo que fundam, o fim dos humanismos. Talvez seja interessante, nesse contexto, tentar esclarecer que resta depois que o homem desaparece, utilizando, para isso, alguns conceitos provenientes da lógica dos sistemas auto-organizadores. ... Na verdade, foi o *Homem como sistema fechado que desapareceu; sistemas cibernéticos*

abertos, auto-organizadores, são candidatos à sua sucessão". (Atlan, 1992, p. 113).

Poderíamos sintetizar a posição de Atlan, referente a esse herdeiro cibernético do Homem, pondo em relevo as duas linhas de força presentes em sua abordagem.

Na primeira delas temos a própria auto-organização, que segundo Atlan corresponderia à marcha para o futuro; ou seja, a ênfase recai sobre a condição de ruptura com o "passado" inerente ao processo de auto-organização, já que o mesmo só "avança" se for capaz de inaugurar novas relações a todo instante. Disto ele extraíra a idéia de que nós teríamos um "querer inconsciente"[3] nos impulsionando rumo ao futuro, abandonando o antigo para fazer o novo. Na segunda, encontramos a memória misturada com a nossa consciência, pois, não haveria consciência sem alguma forma de conhecimento. Para Atlan, "a consciência é a presença do conhecido em nós". O conhecido seria conhecimento do passado "intensificado pelo presente", e ainda assim, uma referência ao que foi e já não seria mais. "Portanto a consciência, presença do conhecido, é presença do passado em nós" (Atlan, 1992, p. 119).

---

[3] Devemos nos acautelar neste momento para não cairmos na armadilha das comparações fáceis; acreditamos que Atlan utiliza-se de alguns termos, tais como: consciência, inconsciência, querer e desejo com uma conotação mais próxima da intuição comum destas palavras, e em nada fazendo referência aos conceitos já consagrados na psicologia e na psicanálise.



É claro que essas linhas de forças estão sendo apresentadas de maneira demasiado "puras", e pelo que já podemos constatar dos processos de auto-organização, elas se expressariam de maneira misturada entre ambas. Esta relação de oposição/colaboração entre o impulso para a ruptura com o passado e de resgate do mesmo geraria algumas sub-operações em particular:

Memória organizada: um dos subprodutos deste cruzamento de memória com a auto-organização; é uma memória orientada para o futuro. Também Atlan a denominou como "consciência voluntária"; ela expressaria a intervenção *secundária* dos elementos anteriormente memorizados enquanto uma série de respostas que o organismo pode dar para estímulos exteriores.

Auto-organização memorizada: esta seria responsável pelo surgimento de outro dos subprodutos do cruzamento das duas linhas de força mencionadas. O "querer consciente", que corresponderia à "exibição como memória" do processo de auto-organização; seria algo como uma vontade dirigida para o futuro, mais adequada às mudanças geradas pela constante ruptura com o passado. O "desejo", por sua vez, recebe de Atlan uma explicação muito particular, porque aquele seria uma forma de "querer inconsciente", inscrito na consciência, e representado como memória:

...A situação de conflito entre a consciência voluntária e os desejos não são conflitos entre o consciente e o inconsciente, mas, antes, entre dois modos simétricos de

interação entre memória e auto-organização, que são a memória organizadora e a auto-organização... (Atlan, 1992, 121).

A idéia mais geral que parece perpassar nossos autores é justamente a da dispersão da nossa subjetividade; as próprias características do processo que nos constitui desde o nível físico-químico até o da alta complexidade biológica nos condiciona a uma inconsciência (no sentido mais geral do termo) da totalidade das forças que ajudam a nos compor e que dividem com a nossa mencionada consciência a condição de "sujeito" da nossas ações.

unesp

PARTE 3 : CONSIDERAÇÕES PARA OS TERMOS DE UMA COMPARAÇÃO

CAPÍTULO 5

5.1 Algumas considerações teórico-metodológicas

A. Metáfora

Max Black (1966), fazia uma pertinente advertência sobre a importância que o estudo da metáfora tem tanto para a ciência, como para a filosofia. Mas afinal quais são os riscos (ou a importância) envolvidos ao dizermos que isto ou aquilo está sendo dito metaforicamente?

Para analisar a metáfora, Black a decompõe em dois componentes básicos: o foco e o marco. O primeiro refere-se à palavra cujo uso suscita numa metáfora; o segundo, será o restante da oração. A ausência de qualquer um destes elementos frusta o processo de metaforização, pois o uso metafórico de uma palavra requer um contexto de significação para que esta tenha algum sentido para quem lê; ou seja, a metáfora não poderia pertencer somente à sintaxe. Ao considerar o caráter *intencional* por detrás dos usos da metáfora, Black complementa:

> ...Não podemos esperar que as "regras de linguagem" nos sejam de muita utilidade nestas averiguações (e, em conseqüência, em certo sentido, "metáfora" pertence mais à "pragmática" que à "semântica": sentido que pode ser um dos mais merecedores de atenção)...(Black, 1966, p. 41)

Podemos nos interrogar acerca da função da metáfora no discurso. Uma primeira possibilidade é o seu enfoque substitutivo (Black,1966), segundo o qual uma metáfora comporta-se como um código transmitido, num primeiro momento, por quem fala, mas exige uma decifração da parte de quem escuta.

Por exemplo, quando alguém nos diz: "Eu estou frito!", é até difícil imaginarmos o quão bizarra seria esta situação se ela correspondesse *literalmente* à realidade. Os falantes da língua portuguesa (pelo menos no Brasil) irão compreender a palavra "frito", o foco, como uma substituição de "com problemas"; trata-se, portanto, de uma decodificação pelo ouvinte da metáfora utilizada pelo falante. A expressão metafórica, "M", está substituindo o significado literal, "L".

Encontraremos no enfoque comparativo outra possibilidade de metaforização, visto que este opera por analogia ou por semelhança transformando o significado normal da expressão. Quando isto ocorre o foco ganha a função de "como se", comparando o significado literal com um outro significado retirado de outro contexto; assim sendo: "M" como se "L". Servimo-nos do exemplo dado por Black, "Ricardo é um leão", também poderia ser lido: "Ricardo é como um leão". Fazendo-se comparações deste tipo busca-se muitas vezes atribuir a um objeto ou a alguém qualidades ou defeitos presentes em outros objetos ou pessoas. No exemplo mencionado, o mais provável seria o de se imputar a Ricardo qualidades supostamente leoninas: coragem, ferocidade etc.

A grande objeção feita a este tipo de enfoque seria que a simples substituição por si só não traz nenhum ganho em termos de entendimento. De acordo

unesp

com essa objeção enunciados científicos ou filosóficos não teriam nada a ganhar recorrendo à metáfora. Entretanto, Black rebate esta objeção com o seguinte argumento:

> ... A afirmação metafórica não é nenhum substituto de uma comparação em toda regra nem de nenhum outro enunciado literal, senão que possui uma capacidade e um rendimento próprio e particular... (Black, 1966, p. 47).

Para justificar este argumento Black irá postular um terceiro enfoque para a metáfora, a saber, o enfoque interativo. A interatividade desta última modalidade de metáfora ocorreria por termos pensamentos, distintos e simultâneos, derivados de diferentes contextos – segundo Black, seriam *marcos* distintos. Peguemos um exemplo: "O olhar daquela garota é como chuva num dia de verão". A palavra focal, "olhar", aparece em princípio nos termos de uma comparação com os elementos do marco; entretanto, a aparente comparação composta de simples literalidade guarda um elemento oculto que desafia a astúcia do leitor; encontrar esse elemento seria reencontrar qualidades conotadas em dois diferentes contextos apoiadas na mesma palavra focal; neste caso o "olhar" que aparece na frase estaria tanto recebendo possíveis qualidades da "chuva num dia de verão" – intensidade, sobressalto, efemeridade etc. – como, também, a "chuva" ganharia possíveis qualidades presentes no olhar feminino – frescor, pureza, consolo etc.

unesp

Podemos, juntamente com Black, dizer que a metáfora "filtra" certas qualidades em favor de outras; "organiza" a nossa visão – em nosso exemplo, o "olhar" instiga o ouvinte ou o leitor a evocar um sentido novo para além dos significados aparentes, "... o importante para a eficácia da metáfora não é que os lugares comuns sejam verdadeiros, senão aquilo que ajudam a lembrar espontaneamente..." (Black, 1966, p. 50).

Uma objeção levantada contra o enfoque interativo da metáfora seria a de que ela se serviria de metáforas preexistentes (metáforas subordinadas) para permitir o deslocamento em direção da metáfora principal.

Retomando o nosso últimos exemplo, podemos nos perguntar por que a metáfora filtrou certas qualidades e não outras. A busca pelos "tópicos acompanhantes" da metáfora principal levaria a metáforas preexistentes numa cadeia associativa de regressão ao infinito.

Black esquiva-se desta objeção de duas maneiras; primeiramente, nem todos os "tópicos acompanhantes" seriam deslocamentos metafóricos (por substituição ou comparação); em alguns casos eles operariam como ampliações de significado, por exemplo, associarmos chuva à enchente; em segundo lugar, as possíveis metáforas subordinadas – os lugares comuns do olhar feminino: sensualidade, singeleza, pureza etc. – pertenceriam a um mesmo conjunto de implicações que se reforçaria mutuamente. Black adverte para o caráter social da metáfora, pois uma metáfora que fizesse sentido em uma cultura poderia ser obscura em outra.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Por fim, podemos entender a metáfora como projeção de elementos (tópicos acompanhantes) de um conjunto de implicações principal – o "olhar" – em um conjunto de implicações subsidiário – a "chuva". Nesta tarefa a metáfora criaria semelhanças (enfoque interativo) que não estariam presentes na literalidade dos sistemas de implicações isolados. Retomando aquilo que já havíamos dito, não só olhar da garota receberia uma novas qualidades da chuva como também a chuva se tornaria mais parecida com olhar feminino.

Quanto ao manejo dos recursos oferecidos pela metáfora, o próprio Black conclui:

> ...Não cabe dúvida de que as metáforas são perigosas, e por acaso especialmente na filosofia; mas toda proibição de seu emprego constituiria uma restrição arbitrária e prejudicial da nossa capacidade de indagação...(Black, 1966, p. 56)

B. Modelos

A reflexão empreendida por Black em relação aos modelos deve-se, principalmente, ao fato de este ser um recurso muito semelhante, sob certos aspectos, ao usado na literatura – no caso da metáfora – pois, como ele mesmo postula: "Falar

de 'modelos' em relação a uma teoria científica tem um certo sabor de metáfora..." (Black, 1966, p. 216).

Diferentes tipos de modelos são analisados por Black (1966), mas para os fins que nos propomos faremos uso de dois casos em especial: os modelos analógicos e os modelos teóricos.

Podemos começar analisando a definição dada pelo autor para o primeiro caso:

> ...Um modelo analógico é qualquer material, sistema ou processo destinado a reproduzir da maneira mais fiel possível, em outro meio, a *estrutura* ou trama de relações do original...[grifo nosso] (Black, 1966, p. 219).

A reprodução de uma determinada estrutura ou trama de relações implica no estabelecimento de regras interpretativas. A diferença entre os tipos de modelos reside na diferença entre as metodologias de interpretação adotadas; enquanto alguns tipos de modelos tentam imitar o original – modelos em escala, miniaturas, outros, como os modelos analógicos, procuram reproduzir a sua *estrutura*.

O modelo analógico deverá apresentar uma correspondência biunívoca com o seu original; para tanto ele necessitará de adequadas regras de tradução e de uma terminologia que aplicada ao modelo mantenha o seu valor heurístico. Black denominou como *isomorficas* as relações entre o modelo analógico e seu original; esse isomorfismo de estrutura não pretende reproduzir proporcionalidades; ao contrário, as relações envolvidas seriam mais abstratas,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

estariam situadas no plano das estruturas mesmas ou das configurações de relações. Essa identidade de estrutura seria em larga medida compatível com maiores variações de conteúdo; isto aumentaria a possibilidade de construção dos modelos analógicos ao infinito.

No que tange os modelos teóricos Black aponta a possibilidade de duas abordagens diferentes: na qualidade de ficção heurística, o modelo funcionaria como uma "coleção de propriedades imaginárias", à la Maxwell (Black, 1966, p.221), cuja relação com o original seria a de "como se" permitindo um grande ganho em termos de inteligibilidade; na qualidade de existencial, o modelo tem a pretensão de descrever um fenômeno "tal como ele é" à la Kelvin; esse tratamento mais realista teria a suposta vantagem de ter um maior poder explicativo devido ao maior comprometimento com seus próprios enunciados. Entretanto, ambas as estratégias de geração de modelos sofrem objeções próprias; as ficções heurísticas padecem da fraqueza de suas proposições por causa da ausência de um maior compromisso ontológico; os modelos existenciais ou realistas são vulneráveis por estarem mais facilmente sujeitos a se enganarem com mitos (a exemplo da história do éter).

Segundo Black, os modelos teóricos de um modo geral, ficcionais ou reias, não são construídos. *Fazer uso de modelos teóricos consiste em falar de uma certa maneira*. Tendo isto em mente ele relaciona algumas condições para o uso dos modelos teóricos das quais faremos uma exposição resumida[Ver mais em Black, 1966, p.226]:



1. Encontrarmos um campo determinado de investigação no qual se tenha distinguido certos fatos e regularidades.

2. Que haja a necessidade, através do uso de modelos, de nos apropriarmos mais profundamente ou cientificamente do domínio original.

3. Para descrevermos o modelo seria necessário fazermos uso de algumas entidades (objetos, materiais, mecanismos, sistemas, estruturas) originárias de um domínio secundário que nos seja menos problemático do que o domínio principal ao qual estamos tentando adentrar.

4. Dispormos de regras de tradução, explícitas ou implícitas, que permitam verter enunciados acerca do campo secundário a outros enunciados correspondestes ao campo original.

5. Utilizarmo-nos das regras de tradução para extrair certas inferências do campo secundário que possam contrastar com dados do domínio principal.

Atendidas estas condições, que possivelmente resultariam num caso de identidade estrutural, poderíamos fazer inferências no domínio secundário com vistas a nos apropriarmos melhor do domínio principal.

Neste contexto Black volta-se para discutir por exemplo as vantagens e mesmo a necessidade da utilização de modelos teóricos. Essas vantagens

não estariam só numa melhor visualização ou captação intuitiva; um modelo teórico também deveria ser capaz de permitir um melhor conhecimento das propriedades do domínio original, ou ainda: "O modelo promissor é aquele que tem tal riqueza de implicações que sugere hipóteses e especulações novas e frescas no campo primário de investigações..."(Black, 1966, p. 229).

Esta última afirmação foi utilizada por Black como ensejo para aproximar modelos e metáforas. As metáforas (segundo o enfoque interativo) seriam capazes de evocar implicações até então insuspeitas. Aos modelos caberá desempenhar para a ciência uma função semelhante – argumenta Black, aproveitando-se da feliz expressão de I. A. Richards – à de "instrumentos especulativos", operando de maneira a permitir uma "transferência de implicações" de um campo cognoscitivo para outro.

Uma objeção ao uso dos modelos seria a ausência de racionalidade apresentada pelos mesmos, uma vez que seus ganhos de integibilidade seriam muito mais psicológicos e em nada correlativos ao conteúdo de uma teoria. Black rechaça esse tipo de objeção argumentando em prol da racionalidade do uso dos modelos, pois para serem frutíferos eles necessitariam, de uma relação "isomórfica" com seu "domínio de aplicação" (Black,1966,233). O que outorgaria ao modelo sua racionalidade seria a determinação do seu grau de isomorfismo, mais do que a pragmática fertilidade de suas descobertas. Somente a partir de então é que poderemos falar da validade de um modelo.

unesp

O parentesco entre o uso de modelos e de metáforas estaria na "transferência analógica de vocabulário" operada em ambos os casos. Suas diferenças nascem dos seus respectivos campos de aplicação; a metáfora atua num sistema de implicações tópicas; como diz Black: "só precisamos de saberes proverbiais para entendermos nossas metáforas" (1966, p.234); já os modelos demandam um conhecimento prévio da teoria trabalhada com vistas a desenvolvê-los analogicamente. Em suma: tanto o recurso à metáfora, como ao modelo teórico, podem-nos oferecer um salto qualitativo em termos de entendimento que – apesar dos riscos – teriam muito a nos oferecer.

C. Derivação metafórico-metonímica

Após passarmos em revista os textos de Black podemos inserir um novo registro em nossas discussões. Para nos aproximar-mos da maneira particular como a psicanálise serve-se da metaforização em seus enunciados iremos recorrer a Jean Laplanche e suas reflexões acerca da derivação das entidades psicanalíticas.

O autor do Vocabulário de Psicanálise (juntamente com J.B. Pontalis), pondera que:

> ...Na realidade, paradoxalmente, a terminologia psicanalítica caracteriza-se ao mesmo tempo por sua especificidade e por seu caráter "derivado", constituído de empréstimos. Todos os termos da psicanálise têm uma acepção original, ligada de maneira precisa ao corpo da doutrina. Mas, ao mesmo tempo, ainda que alguns deles pareçam neologismos, determina-se facilmente

> sua origem, a partir de domínios mais ou menos conexos, entre os quais a psicologia está longe de constituir a fonte privilegiada...(Laplanche, 1985, p.133).

Laplanche pega como primeiro exemplo de noção derivada, a noção de trauma. O traumatismo tem sua origem vinculada à história médico-cirurgica; ele está associado a noções como ruptura, efração, perfuração etc., sempre permeado pela idéia de uma agressão ou violência oriunda de uma "exterioridade" que "invade" e deixa seqüelas no meio invadido. A apreensão desta noção resultou na idéia de trauma psíquico cujas semelhanças operacionais com o trauma físico são muito grandes; mesmo não se tratando de uma estrutura física que sofre uma agressão, o psiquismo é abordado como uma organização passível de ser perturbada ou desarticulada mediante à invasão de excitações superintensas (ponto de vista econômico).

É válido nos interrogarmos como Laplanche entende esta transposição, não apenas à luz de suas próprias categorias, mas também fazendo cruzar seus enunciados com aqueles desenvolvidos até aqui acerca das metáforas e dos modelos.

Os "empréstimos" ou "derivações", como nos fala Laplanche, parecem-lhe ocorrer através de duas diferentes, porém complementares, formas de apropriação. A primeira delas é a metafórica; esta ocorreria por semelhança ou comparação; no entanto, a noção de metáfora usada por Laplanche é um pouco mais geral do que a blackiana, podendo comportar em seu interior também o enfoque

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

substitutivo. A substituição daria-se com a troca do significado literal de um determinado significante para obter um significado metafórico (em termos blackianos, a mudança da expressão literal "L" – "frito" – por outra metafórica "M" – "com problemas"). Portanto, a metáfora, tal como Laplanche a entende em princípio, operaria a um só tempo substutivamente e comparativamente. A segunda forma de "derivação" laplanchiana é a metonímica. A metonímia opera por contigüidade, i.e., pelo deslizamento de um significante para outro significante próximo, por exemplo: "ele tinha tanta fome que comeu outro prato", neste caso temos uma relação de contiguidade pois o continente, o prato, foi usado como o conteúdo, a comida.

Um dado importante a ser ressaltado é que Laplanche considera o processo de derivação como um processo misto; isto implica em dizer que metáfora e metonímia estão quase sempre presentes simultaneamente nas formulações freudianas. Aliás:

> ...tanto a metáfora quanto a metonímia, sem o auxílio uma da outra, nos conduzem a um pensamento que negligencia uma das principais descobertas da psicanálise: *a constituição no sujeito de verdadeiros objetos internos,* ou até, indo mais longe, *a constituição do sujeito a partir do modelo desses objetos.* (Laplanche, 1985, p. 140).

Voltaremos a comentar essa última afirmação na sua totalidade num momento mais oportuno; por enquanto nos concentremos na noção de derivação.

unesp

No que tange às entidades psicanalíticas podemos nos servir da análise feita pelo próprio Laplanche em relação ao ego. O ego, como muitas outros conceitos psicanalíticos, apresenta aporias que são verdadeiramente desconcertantes para aqueles que se aventuram pela primeira vez no universo freudiano. Peguemos como exemplo sua extensão: o ego é alternadamente identificado como uma totalidade correspondente ao próprio indivíduo (nunca é demais lembra que "ego" é a tradução latina para o pronome alemão "Ich", em português "eu") e também como uma instância psíquica a qual faria parte de uma totalidade maior (o aparelho anímico). No primeiro caso ocorreu um deslocamento metafórico; o próprio corpo é percebido como totalidade e o ego faria a função de um "como se" para descrever essa totalidade no registro da vida anímica, i.e., uma totalidade psíquica que tal como o corpo seria portadora de uma extensividade (metafórica, é claro), apresentando uma diferenciação entre o que lhe é interno e externo, e finalmente, estando sujeita a traumatismos. No segundo caso, o ego é referido em diferentes lugares do texto freudiano como um "sub-sistema", num movimento eminentemente metonímico, pois este se apresentaria como uma extensão particular da totalidade que é o indivíduo, como uma parte entre outras do grande sistema denominado de aparelho anímico.

Se pensarmos nos três registros utilizados por Freud para descrever o aparelho anímico, o componente metafórico-metonímico destas descrições se torna ainda mais evidente.

Registro econômico (ou de quantidades): aqui encontramos um evidente "deslocamento de vocabulário", pelo qual Freud cria uma quantidade ideal

(não mensurável) para com ela mapear as relações da vida anímica. Neste registro encontramos expressões originárias de outras áreas em articulação com termos propriamente econômicos; "esvaziamento" (metáfora hidráulica) ou "carga" (metáfora elétrica), conjuntamente com investimento ou contra-investimento. E ao longo da obra freudiana essas "quantidades" serão "investidas" ou "escoadas", ora de uma representação em particular, ora de um sistema do aparelho anímico – o ego na qualidade de "reservatório de libido". Ou ainda, em relação ao indivíduo como um todo: masoquismo, narcisismo etc.

Registro Tópico (ou espacial): Freud chega a utilizar referências praticamente geográficas para dividir as instâncias que compõem o aparelho anímico. Tanto na sua primeira versão (ver: Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*), quanto na sua segunda versão (ver: O ego e o Id) aparecem no texto expressões do tipo, "expulsar", "invadir", "penetrar" etc. Essa "violação da territorialidade" também precisa ser percebida sob a ótica metafórico-metonímica, visto que – em especial no modelo da vesícula ideal – a invasão de catexias (no caso do trauma) é imputada ao psiquismo como um todo e, também, a um objeto interno deste (lembremos dos deslizamentos da noção de ego).

Registro dinâmico (ou conflito de forças): o conflito pulsional dentro da teoria freudiana também se presta a uma leitura metafórico-metonímica, devido as próprias características do conceito. Freud enunciou o conceito de pulsão como sendo um "conceito limítrofe" entre o somático e o psíquico; a pulsão seria "um representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo" (AE,

unesp

XIV, p.116). Isto posto, o representante psíquico estaria em uma relação de continuidade/descontinuidade com o plano somático; ele poderia tanto ser percebido como uma "expressão psíquica" (metáfora) para os estímulos endógenos ou, e ao mesmo tempo, como partindo do interior do corpo numa relação de "continuidade" (metonímia) com o plano psíquico. Mesmo assim, Freud faria predominar uma perspectiva que torna a pulsão marcadamente biológica, levando-o a enunciar que: "uma pulsão nunca pode passar por um objeto da consciência" (AE, XIV, 173).

D. Explicações Teleológicas

Introduzimos aqui uma nova personagem no elenco do nosso teatro metodológico. Acreditamos que as discussões em torno das explicações teleológicas têm um papel importante a desempenhar junto aos outros componentes deste capítulo.

Ao falarmos de causas teleológicas o primeiro grande problema origina-se na sua vocação de causalidade a partir do futuro; enquanto uma explicação causal expõe as condições necessárias e suficientes para a ocorrência de um determinado evento, as explicações teleológicas explicam a relação causal relacionado-a com uma meta futura (ou, segundo Braithwaite (1965, p.354), "com uma finalidade biológica que é tão futura como presente ou passada").

No caso das ações humanas a intencionalidade pode ser tomada como causa de uma ação visando uma certa meta futura. Essa posição costuma gerar embaraços filosóficos, pois a intencionalidade é passível de múltiplas interpretações,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

além de se questionar se a própria intencionalidade não seria ela também composta de cadeias causais. Braithwaite relaciona duas tentativas atuais para eliminar as causas finais: primeiramente, tomando como ponto de partida os agentes da intenção, haveria algo análogo à intenção consciente ou impulso, sempre visando alcançar uma meta; essa "intenção" seria o início de uma série causal que atingiria uma determinada meta. Do outro lado, a abordagem reducionista diria que não existem fenômenos teleológicos; as explicações teleológicas seriam um tipo deficiente de explicação; as ciências (o autor estaria pensando principalmente na físico-química) só estariam se utilizando deste recurso porque seus postulados ainda não avançaram o suficiente de maneira a obter uma explicação mais efetiva (causal) dos fenômenos tidos como teleológicos; ou seja, seria apenas uma questão de tempo para que as explicações teleológicas começassem a desaparecer.

Da sua parte, Braithwaite propõe que procuremos uma solução para essa causalidade determinada pelo futuro, mas sem reducionismos. Para atingir essa finalidade o autor busca na análise das cadeias causais teleológicas peculiaridades que lhe sejam próprias.

Para começar, Braithwaite parte da idéia de que uma explicação teleológica é composta de uma "cadeia causal de eventos" situada entre o início da cadeia e a meta, utilizando-se de uma expressão de Bertrand Russell: "formariam-se ciclos de conduta"; aquele autor defenderia a necessidade de se observar a cadeia teleológica na sua totalidade e não num aspecto particular. Isto o levou a se deparar com um "critério distintivo" sugerido pelos biólogos, segundo o qual a teleologia

estaria presente "na persistência com que se perseguem estas [as metas] em condições variáveis" (Braithwaite, 1965, p. 359). Esse critério levou Braithwaite a se deparar com a plasticidade própria ao organismos e as cadeias teleológicas que comporiam as mesmas:

> ...A plasticidade não é, em geral, uma propriedade de uma só cadeia teleológica, e sim do organismo com respeito a certa meta: isto é, ... o organismo pode alcançar a mesma meta apesar de circunstâncias diferentes...(Braithwaite, 1965, p. 360).

Neste ínterim, o próximo passo dado pelo autor consiste num exame das possibilidades lógicas e epistemológicas da plasticidade.

Inicialmente devemos considerar um sistema qualquer (podendo ele ser físico de maior ou menor complexidade), chamemo-lo de **b**, onde ocorre uma cadeia de acontecimentos. Assumamos como suposição que "todo acontecimento do sistema estará determinado nomicamente pela totalidade do estado anterior do sistema juntamente com os fatores causais pertinentes do ambiente ou campo do mesmo"(Braithwaite, 1965, p. 360). Teremos, então, uma cadeia de eventos, denominemo-la **c**, atuando em **b** ao longo de um certo período de tempo, sendo que **c** se encontra nomicamente determinada pelo estado inicial do sistema: **e** ; os estados iniciais do sistema também estariam submetidos a totalidade das condições de campo que influenciem **c** naquele mesmo período de tempo. O fato de **c** encontrar-se

determinado pelas condições de campo torna-o uma função uniforme de **f,** sendo **f** a nomenclatura assumida, pelo autor, para referir estas condições de campo. Logo, dado **c** e **e** , **b** estará univocamente determinado por **f**.

O próximo passo é considerar que uma (ou mais de uma) das cadeias causais de **b** possua a propriedade de obter um sucesso de tipo **T** e não inclua nenhum outro tipo de sucesso; assumindo que **T** é uma meta a ser alcançada, todas as cadeias causais em **b** que possam atingir **T** serão classificadas como cadeias de classe **y**. Portanto, todas as cadeias da classe **y** possuem a propriedade necessária para obter um sucesso de tipo **T** e nenhum outro sucesso diferente deste. Podemos obter agora aquilo que Braithwaite denominou de variança **V** [4], a saber: o conjunto de condições de campo tais que **e**, ao ser determinado pelas condições pertencentes a esse conjunto, alcance a meta **T** ; ou na definição do próprio Braithwaite: "[definimos a variança **V**] como a classe das **f** que determinem univocamente as **c** que sejam membros de **y**" (1965, p. 360). Braithwaite concentra-se nos casos nos quais a variança **V** possua um maior número de membros, porque são estes os casos de maior plasticidade. Haveria, ainda, ocorrências particulares, por exemplo: vários membros da variança **V** poderiam determinar uma mesma cadeia nomicamente possível; ou, por outro lado, algumas determinações – advindas de **V** – atuariam em **e** de modo que algumas **c** apresentariam algumas distinções entre si, no entanto, "tais acontecimentos parciais

[4] A nomenclatura original do autor é a letra grega φ , mas como esta já aparece referindo-se ao sistema perceptivo do *Projeto* em Freud julgamos melhor substituí-la por **V** . Acreditamos que essa troca não trará nenhum prejuízo para o argumento do autor.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

estão vinculados causalmente de tal modo que o sucesso total por eles determinado permanece invariável" (Braithwaite, 1965, p. 361). Usualmente, apesar dessas particularidades, quando houvesse um número elevado de membros na variança essa teria em contrapartida mais de uma cadeia nomicamente possível para alcançar a meta exigida. Por fim, Braithwaite defende a idéia de que o tamanho da variação é muito mais fundamental para analisar uma explicação teleológica do que a quantidade de cadeias causais possíveis.

Passemos agora para à análise da lógica indutiva por detrás das cadeias teleológicas. Braithwaite denominou como **P**[5] o conjunto de condições com alguma probabilidade de aparecer; neste caso **V** é membro de **P**, visto que alcançar uma meta depende da possibilidade das condições de campo, **f**, pertencentes à variança **V**, terem alguma probabilidade aparecer; por exemplo, as chances de um meteoro atingir-me enquanto escrevo são mínimas. Reconstruindo o argumento: dada a definição de variança, poderíamos dizer que partindo de **e** – condições iniciais – presente num sistema **b**, haverá uma cadeia causal que obterá um sucesso **T**, desde que as condições de campo – pertencentes a variança **V** e que determinam nomicamente **e** – também pertençam a classe **P**, ou seja, a variança só poderá servir-se de condições de campo possíveis de surgir.

---

[5] Este é um caso equivalente ao anterior, o autor utiliza a letra grega ψ que também é utilizada por Freud, mais uma vez para nos precaver de possíveis confusões utilizaremos a letra **P**.

Continuemos seguindo de perto os passos do autor, a etapa seguinte consiste em averiguar as duas maneiras possíveis pelas quais chegamos ao nosso conhecimento da variança **V.**

a) **Via dedutiva.** Com base nos nossos conhecimentos ordinários acerca das leis causais, tomamos precauções para nos assegurarmos que **V** estará incluso em **P**, desta maneira, encontraríamos dois subcasos:

i. O conjunto de membros **V** é pequeno, mas nos asseguramos de que **P** também o é; por exemplo, experiências laboratorialmente controladas, nestes casos o isolamento e o controle das condições ambientais reduzem ao máximo fatores de possível interferência, na busca de se assegurar um resultado determinado (estudantes fazendo uma demonstração num laboratório de química).

ii. O conjunto dos elementos de **P** é grande, porém o próprio conjunto dos elementos de **V** também é maior. Braithwaite dá-nos o exemplo do automóvel cujos componentes são projetados de maneira a resistir a um número muito grande de diversidades ambientais (sol, chuva, oscilações razoáveis de temperatura etc.). De acordo com o autor, nosso conhecimento das leis causais envolvidas torna esta via muito pouco explicativa. Deduzirmos a teleologia de cadeias causais não acrescenta nada que seja substancialmente significativo e que a explicação pela causalidade convencional já não tenha dito.



b) **Via indutiva**. As explicações teleológicas obtidas por indução são consideradas por Braithwaite como sendo de grande fertilidade. "Quando nosso conhecimento da variança oportuna é obtido com independência de todo conhecimento das leis causais que intervenham [em **b**] é quando a explicação teleológica é válida...(Braithwaite, 1965, p. 364). Tratar-se-ia, não mais do conhecimento prévio das leis causais ordinárias, mas de generalizações baseadas em experiências passadas. Teríamos dois tipos de argumentação indutiva:

i. O primeiro caso consistiria em inferimos a variança de generalizações teleológicas, por exemplo: Dada uma seqüência de eventos A – B, generalizaríamos, com base nesta experiência, que A (passado) ocorre porque B (futuro).

ii. Outra possibilidade seria inferir, baseando-nos nas condições presentes, um conjunto de condições que futuramente viesse a participar da variança. Exemplificando: Ao observarmos uma sucessiva repetição de eventos C, inferiríamos que sua repetição futura pode vir tornar-se condição de campo para a ocorrência de um evento X.

Para Braithwaite, ambas as formas de argumentação, por mais úteis que sejam, não estão isentas de cometerem erros. Neste contexto, ele relaciona como objeção para as explicações teleológicas as explicações funcionais nos sistemas

biológicos. Segundo este tipo de explicação, haveria "finalidades biológicas" e estas seriam tanto presentes, como futuras; as condições necessárias deste tipo de explicação fariam parte de uma totalidade que lhes é maior. Utilizemo-nos do exemplo mencionado no texto: por que bate o coração? Se respondermos que o coração bate para que o sangue circule, seria razoável dizermos que o batimento cardíaco é condição necessária para a circulação sangüínea; por outro lado, não parece haver a mesma razoabilidade em se afirmar que a circulação sangüínea é condição necessária para o batimento cardíaco. Talvez, a pergunta relevante tenha que ser formulada em termos que melhor expressem uma idéia de funcionalidade; neste caso deveríamos nos perguntar *para quê* bate o coração. A tendência é cairmos numa explicação de tipo circular, justamente porque estaremos partindo de uma teleologia e, assim sendo, atribuindo ao presente uma causa no futuro (o coação bate para que possa haver circulação do sangue, ou seja, a função de bombear o sangue no organismo visa uma meta, a saber, a própria circulação). Em suma: não parece haver nas explicações funcionais ganhos de entendimento maior do que nas explicações de tipo teleológico .

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

5.2 Psicanálise e teoria da auto-organização

A. O modelo orgânico

A partir dos instrumentos conceituais que relacionamos no capítulo anterior, podemos partir para uma breve releitura daquele que é o mais biológico dos modelos sugeridos por Freud para o aparelho anímico.

Antes de começarmos, é necessário ressaltar a qualidade de "modelo" – estamos assumindo uma terminologia blackiana – presente nas construções efetuadas por Freud, cuja pretensão era a de lançar alguma luz naquilo que ele mesmo entendia como sendo a vida anímica. Assim sendo, podemos entender que:

> ...O começo correto da atividade científica consiste (...) em descrever fenômenos que logo são agrupados, ordenados e inseridos em conexões. E para a descrição mesma é inevitável aplicar ao material certas idéias abstratas recolhidas de alguma outra parte, não só da experiência nova[grifo nosso]...(AE, XIV, p. 113).

Este trecho encontrado no início de *Pulsões e seus Destinos* é uma das defesas prévias aplicadas por Freud ao seu texto procurando melhor situar o estatuto das concepções teóricas ali desenvolvidas. Em *Além do princípio do prazer* podemos ler:

unesp

> ...O que segue é especulação, amiúde um largo vôo, que cada qual estimará ou desdenhará de acordo com sua posição subjetiva. É , ademais, um intento de explorar consequentemente uma idéia, por curiosidade de saber aonde ela leva... (AE, XVIII, p. 24).

Enquanto o trecho anterior antecede a introdução da teoria das pulsões, este último antecede não só o modelo da vesícula ideal como, também, toda a especulação que levará Freud a postular a existência da pulsão de morte.

Para facilitar nossa argumentação, iremos comprimir a cronologia freudiana de maneira a unir as referências do "ser vivo inerme" (AE, XIV, p.114) e o da "vesícula viva com seu estrato receptor de estímulos" (AE, XVIII, p.27) sob a rubrica de modelo orgânico[6], fazendo quando necessário a indicação dos volumes e páginas em discussão.

Neste contexto, podemos dizer que o modelo orgânico freudiano, apesar da adesão entusiasta por parte de alguns dos seus estudiosos, não teria a pretensão de ser um modelo de tipo existencial; pelo contrário, a adoção de diferentes tipos de modelos ao longo dos anos de desenvolvimento da psicanálise argumentaria em prol da idéia de que as várias construções correspondentes ao aparelho anímico

---

[6] Faremos uso da palavra "orgânico" visando uma melhor captação daquela que acreditamos ser a intuição de Freud em relação ao termo, ou seja, o seu uso ligaria–se a um duplo registro: referindo-se a um todo organizado; e, por outro lado, também fazendo alusão a um tipo ideal de ser vivo.

unesp

seriam antes ficções heurísticas, cujo uso permitiria um ganho em termos de inteligibilidade dos fenômenos mentais.

A primeira grande implicação deste tipo de colocação está em podermos assumir, tal como Freud o fizera, que seus modelos podem, e até devem, ser tratados como convenções. Partindo desse pressuposto, empreenderemos, então, o nosso exame do mencionado modelo orgânico freudiano:

Inicialmente, devemos nos remeter aos dados clínicos que geraram a demanda pela elaboração do modelo na sua versão de 1920 (AE, XVIII).

Freud estava às voltas com o problema dos sonhos traumáticos [conf. Pág. 39 deste trabalho], em que o sofrimento infligido aos pacientes em nada se assemelhava a uma realização de desejo do paciente. A repetição desses sonhos era um enigma para Freud. Uma pista para sua solução fora encontrado num jogo infantil (AE, XVIII, p.14-15): um menino, de um ano e meio, brincava de maneira bastante peculiar com seu carrinho, arremessava-o para longe de si e em seguida proferia um prolongado "o-o-o-o-o"; em seguida, puxava-o novamente – o carrinho estava preso a fio – saudando sua aparição com a expressão "Da" (algo como "aqui está"). Freud interpretou esse jogo infantil como um mecanismo pela qual a criança utilizava-se para lidar com a angústia promovida pela ausência da mãe, visto que esta deixava o menino aos cuidados da empregada enquanto se ausentava por algumas horas. O jogo em questão era uma maneira encontrada pela criança de controlar ludicamente uma situação que lhe contrariava a vontade. O carrinho arremessado a distância representaria a mãe se ausentando, já o retorno deste – controlado pela criança –

marcava o retorno da mãe; ou seja, o menino, ao simular o gozo pelo reencontro com mãe, estava consolando a si próprio por sua ausência.

A ilustração deste caso permite que retomemos o modelo orgânico pela sua porta de entrada: a compulsão à repetição. A repetição não nos parece ser uma meta, no sentido de um objetivo, e sim uma conseqüência de um esforço do aparelho anímico em reagir a uma situação adversa. Trata-se de dominar os estímulos excedentes produzidos por algum acontecimento.

Recapitulando aquilo que já dissemos acerca da "vesícula ideal" [ver pág. 39], o trauma propicia uma carga exacerbada de estímulos os quais rompem a proteção anti-estímulos, deixando as camadas mais internas da "vesícula" a mercê dos mortíferos "influxos niveladores".

A característica a ser referenciada aqui é o tipo de metáfora utilizada por Freud; o *como se* opera de maneira a não só obter uma extensionalidade evidente no modelo, mas, também confere-lhe uma aparente solidez. Outra característica presente no modelo é a da sua conectividade; os estímulos devem ser *ligados;* o que diferencia os influxos agressores daqueles que estão à serviço do aparelho anímico é a qualidade de "estar ligado". A defesa acionada pelo modelo seria a de "transferir" quantidades de energia para o local da invasão de maneira a erguer uma barreira de contra-investimento, uma fronteira para isolar aquelas catexias hipergrandes e assegurar a sobrevivência do organismo. Essa transferência de investimentos geraria um empobrecimento de outras operações psíquicas, visto que a energia em questão é finita [ver. Cap. I] e assim sendo, para haver uma hipercarga

unesp

numa determinada parte do aparelho, será necessário o esvaziamento da catexia de outras partes do mesmo. Já fizermos menção de como isto levaria Freud a concluir pela existência de uma diretriz na vida anímica mais primitiva que o princípio de prazer [ver, pág. 39]. Assim sendo, nos mantermos atrelados aos aspectos em destaque.

Vamos recuar um pouco na linha cronológica da obra freudiana, para reencontramos um modelo proscrito por seu autor: o *Projeto*

No parágrafo inaugural desta obra, Freud alega que procurará "apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas..."(Freud, 1895,[1995]); essa metáfora de materialidade no *Projeto* também era acompanhada por uma metáfora elétrica, a qual rondava a mente de Freud desde *As neuropsicoses de defesa* (1894), sendo ainda uma provável consequência da influência do período em que ele trabalhava junto com Breuer (ver pág. 14). De acordo com essa segunda metáfora, as Qs. que invadiam o sistema tinham seus caminhos dirigidos pelas relações de facilitação entre os neurônios (partículas materiais); aqueles neurônios que apresentassem um alto grau de ocupação teriam uma maior facilitação; a combinação entre os diferentes graus de facilitação neuronal permitiria o aparecimento de redes de escoamento de estímulos. O ego manipularia a formação dessas redes de escoamento através das catexias laterais; isto evitaria o investimento em representações indesejadas.

Este esquema de relações em muito se assemelha ao desenvolvido décadas depois cuja expressão mais acabada encontramos em *Além do princípio do prazer*. Quando Freud fala que: [o organismo] "está dotado de uma reserva energética própria, e em seu interior se desenvolvem formas particulares de transformação de energia" (AE, XVIII, p. 27), essa "metabolização de energia" realizada pelo modelo orgânico, nada mais seria do que uma redescrição biologizada dos esquemas de retenção e administração de energia presentes deste o *Projeto.* O fato de Freud ter se mantido fiel à postulação dos processos primário secundário, nos fornece o indício de um fio condutor, ora exposto, ora oculto, perpassando ao longo de toda teoria freudiana.

Apesar destas breves considerações acerca da maquinola do *Projeto*, não é nossa intenção debruçamo-nos sobre as complexidades inerentes a este polêmico modelo. Todavia, acreditamos que após termos recuperado alguns dos seus aspectos, seremos capazes de somá-los às considerações feitas por Laplanche (ver Pág. 91) de modo a obtermos uma poderosa ferramenta para gerar alguns esclarecimentos pertinentes ao modelo orgânico.

Duas questões perturbadoras para aquele que se debruça pela primeira vez sobre o texto de *Além...* consistem em saber: o que são estes "influxos niveladores" de que nos fala a obra e o quê está sendo "ligado" para deter o avanço dos mesmos. No que tange a este "influxo", Jean Laplanche (1993) sugere a imagem de um reservatório (ou recipiente), cujo nível da água ao seu redor seja maior do que o nível interno; o rompimento das "paredes" do reservatório indicaria um "enchente

do mesmo; e , consequentemente, um nivelamento dos níveis d'água entre o exterior e o interior. A anulação dessa "diferença" entre o interno e o externo corresponderia a morte do organismo. Não é sem motivo Freud diz que "para o organismo vivo, a tarefa de proteger-se contra os estímulos é quase mais importante do que a de recebê-los" (AE, XVIII, p.27). Por outro lado, quando Freud falava em neurônios havia uma de razoável clareza sobre "o quê" estava sendo ligado, pois estes aparecem no texto do *Projeto...* como sendo partículas materiais. Não encontramos esta mesma clareza quando lemos o texto de *Além...*, no qual Freud utiliza-se de expressões como: "intrusão" e "rebaixamento" (AE, XVIII, p. 29-30) sem maiores explicações. Mesmo no que concerne aos estímulos Freud admitiu desconhecer a sua natureza:

> ...O caráter impreciso de todas estas nossas elucidações, que chamamos de metapsicológicas, se deve, naturalmente, a que não sabemos nada sobre a natureza do processo excitatório nos elementos do sistema psíquico, nem nos sentimos autorizados a adotar uma hipótese com respeito a ela. Assim, operamos de contínuo com uma grande X que transportamos a cada nova fórmula... (AE, XVIII, p. 30)

Se pensarmos nos aspectos derivativos laplanchianos, o modelo orgânico seria uma metáfora para a totalidade do corpo e, paralelamente, também uma continuidade (metonímica) do mesmo; assim sendo, a "ruptura" dos seus limites que equivaleria a "invasão" de estímulos, a qual o aparelho precisaria deter por meio de "ligações", se daria no plano do psiquismo; aquilo que está sendo "ligado" seriam



representações ideativas. Esta "ligação" ocorria via carga de investimento afetivo (contra-investimento) nas representações na "fronteira" onde ocorreu a "invasão", constituindo uma nova "barreira de emergência", e assim impedindo o "avanço" dos estímulos invasores.

O que fica, então, mais fortemente sugerido neste contexto é a necessidade de abordarmos a proposta metapsicológica freudiana de maneira a não nos agarrarmos em demasia à letra de seus modelos, mas, explorarmos vivamente o espírito destes. Isto implica numa total esquiva quanto a questões referentes à cientificidade dos modelos sugeridos pela psicanálise, em particular do modelo orgânico. Quando Freud fala de neurônios, sistemas dispostos como lentes (*em A interpretação dos sonhos*) ou em um ideoplasma equipado com proteção anti-estímulo, ele está tentando criar uma referência modelar para fenômenos da vida anímica. Ou seja, muito mais importante do que o efetivo enquadramento do modelo orgânico nas diretrizes da biologia é averiguar até que ponto esse construto consegue fornecer algum tipo de explicação para fenômenos como o jogo infantil, o trauma, a neurose etc., cujo propósito seria fornecer ao indivíduo instrumentos para lidar com uma realidade adversa. Portanto, assumiremos como puramente hipotéticas as relações descritas pelo modelo orgânico freudiano. Em outras palavras, ao entendermos os modelos psicanalíticos como uma convenção, não lhe imputaremos críticas quanto a sua inscrição ou não no rígido regime das leis científicas. Em suma: consideraremos a "biologia" utilizada por Freud como sendo uma "biologia alegórica".

unesp

Ao chegarmos a estas conclusões quanto à maneira freudiana de falar, em nada retiramos o mérito e o desafio que transborda deste conjunto de conceitos; pelo contrário, abre-se caminho para investigarmos melhor alguns aspectos ocultos nesta malha teórica. Para tanto, faremos um breve parênteses para nos referimos novamente a Max Black cujas contribuições têm sido para nós de grande valor.

Um outro tipo de modelo assinalado por Black são aqueles que "se encontram implícitos ou submersos no pensamento do autor" (Black, 1966,p. 234). A esse modelo ele dá o nome de arquétipo:

> ... Com *arquétipo* me refiro a um repertório sistemático de idéias por meio das quais um pensador dado descreve , por *extensão analógica*, certo domínio ao qual tais idéias não seriam aplicáveis imediata e literalmente...(Black, 1966, p. 236).

Essa idéia da existência de um modelo arquetípico submerso num dado corpo teórico será uma pista para as condições de comparabilidade que temos buscado nesta etapa do trabalho.

B. Pulsões e plasticidade

Nosso próximo passo será o de retomarmos alguns dos aspectos mais estruturais da teoria freudiana e através deles identificarmos uma base

arquetípica (ou prototípica) que está no cerne dos arranjos de alta plasticidade da psicanálise, mais precisamente na sua última teoria das pulsões.

Iniciemos com a compulsão à repetição. Neste caso o quê se repete? No jogo infantil aquilo que "se repete" o faz como fantasia lúdica, permitindo à criança um controle sobre um acontecimento da vida o qual originalmente ocorre à sua revelia. Então, podemos dizer que a repetição está a serviço da ação controladora de estímulos própria ao sistema nervoso? Na realidade, Freud irá entender a repetição como aquilo que em estado de menor ligação pressiona o núcleo mais ligado do aparelho anímico. Neste caso, nos deparamos com o movimento de "ligação progressiva" [conf. Pág. 51] que, economicamente falando, vai do estado de menor ligação para o estado de maior ligação; isto em termos tópicos fornece-nos as fronteiras internas do aparelho anímico; id, ego e superego, estes serão os sub-sistemas que irão se formar a partir do movimento de ligação (ocorrendo no interior da proteção anti-estímulo); neste contexto a consciência não passaria de um apêndice das funções do ego.

A idéia da formação de núcleos investidos dentro ao aparelho é algo que já encontrávamos desde o *Projeto* [ver. Projeto seção 14]. Quando Freud fala do id como uma "caldeirão borbulhante" (AE, XXII, conf. 31, p.68) e lhe atribui "uma abertura para o somático" (AE, idem) a concentração de energia ligada formará um sistema com relativa autonomia; é como se o id mais fluido (predomínio da energia livre) coagulasse numa certa parte (a ligação da energia); o coagulo seria o ego e a partir deste uma clivagem interna formaria o superego. Este pressuposto ajuda-nos a

entender por que as lembranças infantis constituem uma ininterrupta fonte de pressão sobre a consciência.

As vivências infantis ocorrem antes da consolidação deste "processo coagulante"; elas se encontram sob o regime do princípio de prazer (livre descarga de energia) e, portanto, do "lado de fora" das regiões hiperinvestidas, onde mora a consciência. Mais uma vez reencontramos os esquema de confronto/colaboração entre o processo primário, em que praticamente não há ligações, e o processo secundário responsável pelas ligações e pelo gerenciamento das descargas motoras. Também nos deparamos aqui com outra peculiaridade do "como se" freudiano; ao falar de um id aberto para o somático, temos a impressão inicial de um abandono a proteção anti-estímulo; contudo, como a referencia é a uma subdivisão no interior do aparelho anímico; podemos inferir que tudo se passa *dentro* do escudo – identificado como o corpo – , e esta clivagem – identificada como sendo do aparelho anímico – seria um processo de especialização, o qual criaria uma "nova interioridade" dentro de onde já ocorreu uma primeira diferenciação entre o dentro e o fora. Podemos então voltar para a pergunta sobre o quê se repete.

A repetição é a pressão do influxo nivelador, os fluxos desligados de energia, aquilo que por definição seria anterior aos estados de ligação; ou seja, tratar-se-ia de uma tentativa de retorno ao inorgânico (desligado). Seguindo esta linha de raciocínio, podemos entender como Freud chega à postulação da pulsão de morte; esta seria uma força primordial de nivelamento atuando contra a força "desviante"

produtora de ligações que o mestre de Viena denominou de pulsões de vida [conf. Pág. 45].

Acreditamos haver uma plasticidade possível de ser eventualmente atribuída ao aparelho anímico freudiano e sua origem estaria no papel positivo da pulsão de morte.

Abordemos esta questão da plasticidade e da pulsão de morte dialogando com a idéias de Braithwaite.

Para Braithwaite, o que irá conferir a um sistema um alto grau de plasticidade será um número elevado de membros da variança **V**. Resumidamente, a variança **V** é composta por certas condições de campo que determinam univocamente as cadeias causais que levam a alcançar uma determinada meta. Em termos psicanalíticos, a pulsão é a plasticidade por excelência; possui um *telos* visando uma meta; todavia, esse não é um comportamento pré-programado, a pulsão pode "satisfazer-se" com múltiplos objetos, esses são mais um meio do que propriamente um fim. Tomemos, então, o conjunto da variança **V** como sendo o conjunto das condições necessárias para a satisfação pulsional; quanto maior for o número de objetos (fantasmáticos ou não), passíveis de serem veículos para a descarga das pulsões, maiores são as chances de satisfação do indivíduo.

O fascinante do modelo freudiano para a vida anímica está na sua ambigüidade teleológica. Enquanto Braithwaite analisa as condições necessárias para o surgimento de cadeia causal atrelada a uma meta, a psicanálise freudiana, no seu registro metapsicológico, nos apresenta a batalha entre duas forças primordiais como

objetivos próprios. As pulsões de vida, auto-conservação e sexualidade, pressionam na direção de um constante aumento das conexões; a pulsão de morte, por sua vez, pressiona em direção do "retorno ao inanimado", da ausência de conexões. Podemos nos servir das sugestões de Braithwaite fazendo um pequeno ajuste da sua análise: Dadas as condições de possibilidade **P**, do aparecimento de cadeias causais capazes de determinar uma meta **T,** o conjunto dessas cadeias causais poderia ser classificado de **y** . Contudo, e este é o aspecto que propomos como ajuste, a variança **V** deverá incluir dois subconjuntos: um subconjunto **m**; este conteria as cadeias causais com eventos de tipo **i**; estes eventos irão culminar numa meta **Ti**; em contrapartida, haverá também um subconjunto **v**; nele estarão contidas as cadeias causais que impliquem num evento de tipo **o**; este, por sua vez, será equivalente a uma meta **To**. Em outras palavras, essa ampliação na nomenclatura braithwaiteana faz-se necessária para abarcar aquilo que entendemos ser a existência de uma *plasticidade por ambigüidade*, correspondendo ao tipo de plasticidade manifesta na metapsicologia freudiana.

Dentro da variança **V**, encontraremos os subconjuntos **m** e **v**: no último subconjunto estão agregadas as cadeias causais cujos eventos levam à configuração de um quadro de relações baseado em conexões cada vez maiores. Já no subconjunto **m** estão incluídas cadeias causais cujos eventos implicam no desmantelamento de conexões estabelecidas, i.e., os eventos obtidos pelas cadeias causais pertencentes a **m** constituem-se pela anulação dos eventos conseguidos por **v**. Seguindo este quadro, poderíamos nos deparar com a situação em que os eventos de **m** subjugariam todos os eventos de **v** culminando no desmanchamento de qualquer



padrão de conexões; ou, no caso dos eventos de **v** prevalecerem, haveria numa reprodução de conexões ad infinitum. No entanto, teríamos outra possibilidade, uma terceira via, denominada por nós de *cadeia de eventos mesclados.* A constituição de um sistema de plasticidade por ambigüidade dependeria da composição dessas cadeias de eventos mesclados.

Entendemos como um evento mesclado uma situação dada em que uma certa cadeia causal consegue ao mesmo tempo ser um evento para **m** e para **v**. Tal situação parecia a primeira vista ser impossível. Todavia, a psicanálise prima por lidar com fenômenos cuja teleologia apresenta esse tipo de cadeia.

Recuperemos, momentaneamente, a idéia de sintoma. Em relatos feitos por Freud, o sintoma é apresentado como um formação de compromisso entre dois desejos opostos:

> ... Já sabemos que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado... (ESB, vol. XVI, p. 419-420).

Em outras palavras, de um lado, temos a necessidade desvairada de satisfação dos processos primários; do outro, a contenção e , às vezes, a repressão deste mesmo desejo, por ele encontrar-se em desacordo com a consciência moral do indivíduo.

A própria idéia de fusão/desfusão pulsional enquadra-se na idéia de cadeia de eventos mesclados. Para Freud, encontraríamos as pulsões "misturadas" entre si em diferentes quantidades:

> ... Alterações na proporção da mescla da pulsões têm as mais palpáveis conseqüências. Um forte suplemento de agressão sexual faz de um amante um estuprador assassino; um intenso rebaixamento do fator agressivo o tornará tímido ou impotente...(AE, XXIII, p. 146).

Nesta perspectiva, poderíamos dizer que a duplicidade teleológica da psicanálise culmina em um telos intermediário o qual compreenderia uma cadeia de eventos mesclados, visando simultaneamente **To** e **Ti,** cujo resultado é uma meta **T** a qual corresponde à constante alternância de predomínio entre Eros e Thânatos. Com efeito, acreditamos derivar desta condição de ambigüidade teleológica a face positiva da pulsão de morte; todavia, devemos protelar mais um pouco essas considerações.

Façamos agora uma nova incursão junto à Teoria de Auto-Organização.

C. Considerações sobre a teoria da auto-organização

Para podermos inscrever a TAO (teoria de auto-organização) junto a um estudo de cunho comparativo, estabelecer qual o status que ela usufrui neste mesmo estudo.

Nossa análise não poderia deixar de refletir na TAO certas dificuldades que se apresentaram intransponíveis para nós mas, por outro lado, também gozamos de certas "facilidades" não encontradas no discurso psicanalítico. O fato da TAO originar da cibernética e apoiar-se em postulados retirados da ciências naturais, ofereceu-nos certas dificuldades mediante a nossa formação estritamente filosófica; em compensação, apesar das discordâncias terminológicas de seus principais autores, a TAO se presta a um exame menos tortuoso se comparada à psicanálise, pois aquela não está submetida ao complexo jogo de equivocidade comum ao discurso de Freud.

Isto posto, o leitor poderá melhor compreender o motivo da aparente brevidade com a qual tratamos a TAO, e seus postulados.

Partimos, então, para a retomada das teses de Michel Debrun. Entendemos a TAO como um conjunto de regras utilizadas para classificar um certo grupo de fenômenos, os quais precisam atender a condições previamente estipuladas por estas regras.

Desta maneira, os termos da comparação a ser desenvolvida não passarão por uma relação de objeto-objeto, ou melhor, de fenômeno-fenômeno. A metapsicologia freudiana está constituída por postulados teóricos para um grupo

específico de fenômenos mentais com os quais o terapeuta têm de se deparar na sua prática clínica. A TAO se propõe considerar qualquer tipo de fenômeno passível de atender os seus pré-requisitos. Michel Debrun não se cansava de utilizar como exemplos partidas de futebol e os seus arranjos imprevisíveis (dentro dos limites configurados pela regras: número de participantes, campo, torcida etc.); um gol marcado por um dos times suscitaria no desenrolar da partida desde a reação do time perdedor, até a total apatia de ambas as equipes. A TAO enquanto conjunto de regras não poderia apresentar leis de desenvolvimento passo a passo de nenhum processo de organização; não poderia gozar de um caráter fortemente preditivo, visto que, ela se aplica justamente aos casos de um processo organizacional que não tenha o seu resultado final pré-determinado, e portanto, passível de previsão. Suas regras se assemelham muito mais a aspectos de orientação, do que propriamente a normas para um comportamento futuro.

Para melhor expressar nossa concepção de auto-organização, consideraremos as regras ou orientações da TAO como requisitos em termos das propriedades que um determinado fenômeno deve apresentar. Partindo deste pressuposto, os termos para uma possível comparação entre a psicanálise e a TAO estaria em gerarmos, ou sugerirmos, condições teóricas para podermos avaliar se a psicanálise freudiana, via teoria das pulsões, categorizaria seus processos como a TAO faz com os processos de auto-organização.

Retomemos, brevemente, alguns dos aspectos enunciados por Debrun para os processos auto-organizados.



Primeiro, temos o impulso inicial dado pelo "encontro" entre elementos distintos que não possuam nenhuma relação de afinidade ou rejeição prévia, pois uma ocorrência deste tipo determinaria de antemão os rumos que a organização tomaria. A multiplicidade de elementos é de grande importância para a auto-organização, desde que essa multiplicidade preserve uma igualdade de condições entre os elementos, do contrário, a quantidade excessiva de um determinado elemento também influenciaria de antemão os rumos do processo. Pelo mesmo motivo, é necessária a existência de uma igualdade de forças – de acordo com o que essa noção designa para os fenômenos envolvidos.

A TAO ainda teria outros aspectos: o corte com o passado (a partir do momento em que o processo se inicia ele instaura uma nova dinâmica de relações); o processo "absorve" as características de seus elementos; tratando-se de elementos distintos ou semi-distintos, o processo pode neutralizar, reduzir ou potencializar as características dos componentes envolvidos; assim sendo, estes apresentariam aspectos inéditos em relação ao período anterior ao do início da auto-organização. Voltemos, então, à questão da comparabilidade.

O diálogo com Laplanche, Max Black e Braithwaite teve como finalidade principal gerar essas condições depurativas para produzir condições no sentido de mapear as regras da teoria de auto-organização na teoria freudiana.

Muitas são as possibilidades de exploração da TAO; nosso interesse convergiu para um ponto de consenso velado entre seus muitos estudiosos (e suas muitas terminologias). Apesar da noção de "auto" poder ser vista como o "carro

chefe" da TAO, não será nela que deteremos a maior parte da nossa atenção (muito embora não se possa falar de auto-organização sem pressupô-la).

O aspecto que mais nos chamou atenção na TAO foi o da plasticidade nos processos que se auto-organizam. Nunca é demais lembrar que estamos entendendo plasticidade de maneira análoga à de Braithwaite, ou seja, como as várias maneiras possíveis de se atingir uma mesma meta, e quanto maior a diversidade de meios de se atingir uma determinada meta, maior a plasticidade. Ao falarmos de plasticidade na auto-organização temos em mente o fato desta não corresponder a processos com metas previamente determinadas. Entretanto, cremos ser lícito atribuir à auto-organização, entre outras características, a de, também, possuir uma plasticidade por ambigüidade.

A base do nosso argumento está nas condições mesmas, exigidas pela TAO, para que um fenômeno seja considerado como auto-organização. Ou seja, a comparação é de natureza epistemológica, mas no seguinte sentido: A teoria de auto-organização delineia as condições de possibilidade para que um fenômeno seja compreendido como um processo de auto-organização; paralelamente, a teoria psicanalítica, via teoria das pulsões, ao estabelecer os contornos conceituais para determinados processos psíquicos, o faria de acordo com condições de possibilidade análogas às utilizadas pela teoria de auto-organização.

Inicialmente, os agentes ou os elementos participantes do processo de auto-organização devem ser distintos entre si; possuir uma equivalência de força;



precisam encontrar-se em quantidade equiparável para não influenciarem o processo antecipadamente.

Estamos diante daquilo que Debrun denominou de "Happenings", o entrecruzamento de séries causais aleatórias (à la Cournot). A partir desse "acontecimento", os elementos envolvidos anulariam sua história individual (corte com o passado) para se inscrever numa nova história dos acontecimentos interacionais. Acometidos por esse processo que agora os une, esses componentes terão três caminhos a seguir: a situação evolui de maneira a integrar a todos em uma totalidade rigidamente organizada com hierarquia fixas, isto é, culminaria numa hetero-organização; as novas relações estabelecidas não seriam capazes de se sustentar, isto geraria a fragmentação do arranjo relacional recém-constituído (auto-organização negativa); ou, finalmente, o entrecruzamento das séries causais conduzirá seus elementos à um arranjo de relações nas quais não haverá nem dissolução desta nova formação, nem enrijecimento da mesma. A questão a ser apresentada é sobre a natureza deste último tipo de arranjo relacional.

No nosso entender, o traço mais marcante das relações tidas como auto-organizadas está no fato dos elementos participantes do processo apresentarem entre si uma postura simultaneamente de colaboração e independência. Tratar-se-ia de cada elemento isoladamente ligar-se, referir-se, relacionar-se com os demais membros do mesmo processo de modo a sustentar uma identidade – inaugurada no e pelo processo – e ao mesmo tempo sustentar uma alteridade em relação aos acontecimentos desta, digamos, "coletividade" em que o elemento passou a

participar. Esse caráter *alter* dos elementos conserva a sua própria identidade individual que se mantém apesar do enlace com a identidade coletiva do processo.

Essa "dupla face" dos elementos do processo auto-organizado, será, em nossa opinião, uma das suas marcas mais fundamentais. Este quesito de ambigüidade inicial, uma vez atendido, ecoará por todo o desenvolvimento posterior do processo. Partindo do pressuposto, de inspiração debruniana, de que os sistemas auto-organizados marcham rumo a uma "cristalização" de suas relações, podemos destacar nas diferentes etapas do desenvolvimento da auto-organização traços dessa "qualidade de ambigüidade" que permeiam sua evolução.

O surgimento do "atrator" (tomado numa acepção intuitiva, como ponto de convergência das condicionalidades), indica assim um ponto de maior cristalização dentro o processo. Com o atrator, ou vários deles em competição, o sistema começa a ser influenciado quanto ao rumos que sua cristalização global irá assumir. Quando inaugura-se essa fase do processo, o sistema que está se constituindo começa a dispor de "reforços" gerados por uma endocausalidade, também em composição, cuja efetivação leva ao estabelecimento de uma memória do processo. Em outras palavras, no início da cristalização formam-se centros (atratores) onde certas cadeias causais começam a se tornarem mais efetivas do que outras. A endocausalidade, as relações de causa efeito compartilhadas pelos participantes do processo, começa a assumir contornos mais constantes e é essa constância que irá se constituir como a memória do processo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

A qualidade de ambigüidade está presente em todas estas fases, tendo-se em vista que um atrator na auto-organização não pode exercer uma hegemonia para com as relações que o rodeiam; caso contrário, o processo perderia a sua dinâmica de constituição a partir do embate de relações para subordina-se totalmente aos ditames do novo centro de comando; isto eqüivale a uma precipitação da cristalização. Assim sendo, o atrator, e a endocausalidade por ele gerada, deve permanecer num limiar anterior à cristalização, ou seja, ele ainda deverá comportar uma relação de independência e colaboração com os demais componentes do sistema. Mesmo a memória deverá exercer um papel apenas de cooperação, pois haverá uma diferenciação entre a memória um pouco mais sedimentada do atrator e a memória do restante dos componentes do sistema. Podemos pegar como exemplo nosso sistema imunológico, capaz de "reconhecer" um corpo estranho; todavia, trata-se de um ação que passa-se aquém da nossa consciência e daquilo que o senso comum tende a entender por memória.

Neste contexto, temos a ambigüidade operando tanto de maneira positiva como negativa (Atlan falava em ambigüidade autonomia e ambigüidade destrutiva). Podemos, portanto, verificar a viabilidade de adotarmos junto à auto-organização a adaptação do esquema lógico de Braithwaite para a plasticidade.

Considerando o universo das cadeias causais possíveis de aparecer, **P**, precisamos pressupor, de maneira a obtermos um resultado mais preciso, um conjunto **I**, composto por séries causais possíveis de aparecer e de se entrecruzarem. A variança **V** passa a ser a soma das condições de campo **f,** sendo que as últimas

correspondem as condições para a ocorrência de um "ponto de amarração" entre as cadeias de eventos do subconjunto **m** e do subconjunto **v**; o último é composto de séries causais que reforçam a endocausalidade gerando organização; em oposição, o subconjunto **m,** responde pelas séries detratoras da organização, pois estas reforçam a independência dos componentes do processo. A interseção entre **m** e **v** possibilitará a formação de um estado inicial **a**, o qual determinará **c**; este ecoando na formação de **b** e na formação de uma **T**. Estas novas modificações na nomenclatura original (de Braithwaite), merecem um comentário: o estado inicial **a** corresponde a um estado inicial em que as cadeias de eventos oriundos de **m** e **v** se mesclam; **c** passa a corresponder as cadeias de eventos mesclados que ao mesmo tempo reforçam uma meta de tipo **Ti** – significando um aumento da independência, e da desorganização – e uma meta de tipo **To** – cujo sucesso implica em um aumento da dependência/cooperação, e da organização. Não perceberemos mais a meta **T** pré-determinada; ela será o próprio equilíbrio dinâmico do processo; não mais como um ponto fixo de chegada, e sim como uma direção assumida pela auto-organização . Dado o momento em que a forma se cristalize, então, também, teremos a cristalização de **T**.

D. Auto-organização e psicanálise

Finalmente, chegamos ao nosso ponto de convergência. Um trabalho comparativo só chega a um bom termo se enunciar, de maneira

razoavelmente convincente, as diferenças e semelhanças entre os objetos ou temas postos em exame.

Para obtermos essa razoabilidade, procurarmos identificar características arquetípicas nos dois conjuntos teóricos por nós tematizados: a psicanálise e a teoria de auto-organização. A identificação deste tipo de característica foi a solução encontrada para evitarmos as comparações simples demais. Quando se trabalha com teorias oriundas de universos tão distintos, pode-se incorrer no erro de operar um deslocamento de vocabulário sem a devida consideração pelas particularidades que os conceitos assumem nos seus quadros referenciais de origem. Assim como a linguagem corrente de um determinado povo apresenta expressões tidas como idiomáticas (próprias de certo contexto de enunciação), os discursos teóricos (principalmente nas ciências humanas) podem apresentar a mesma característica, o que dificulta uma "tradução" literal de seus termos em outro domínio teórico. Ou seja, pode-se tomar apressadamente um dado conceito como sendo equivalente a outro, sendo que não se está respeitando certas sutilezas conotativas que o conceito tem em seu domínio original.

Nossos esforços buscaram aquela qualidade que Black atribuiu às metáforas interativas: alcançar um novo sentido resultante da interação entre domínios diferentes.

Esse novo sentido não seria algo que modificasse as relações internas à psicanálise ou a teoria de auto-organização; procuramos com essa

unesp

comparação sugerir novas possibilidades quanto à investigação empreendida pela Filosofia sobre a natureza da mente humana.

A solução foi encontrada em Braithwaite e na maneira como este analisa as condições necessárias para a ocorrência da plasticidade num dado sistema. Foi preciso fazermos uma adaptação à proposta original para incorporarmos aquela que consideramos ser uma das qualidades mais particulares dos sistemas que se auto-organizam; também presente na economia pulsional freudiana: a ambigüidade.

Essa ambigüidade se daria pela oposição entre duas direções possíveis de serem assumidas pelos sistemas auto-organizados: segundo um movimento dissolutivo, cuja hegemonia implicaria na decomposição de qualquer conjunto de ligações ou relações que estivessem estabelecidas; ou, de acordo com um movimento constitutivo, cujo predomínio levaria a ligações tão intricadas que se formaria um "quisto" no universo.



Considerações finais

A teoria freudiana das pulsões atende alternadamente aos pré-requisitos necessários tanto à auto-organização primária como à auto-organização secundária.

Recuperemos a idéia de ligação: Freud a considera como anterior ao princípio de prazer; mas também fala-nos de um "estado anterior ao qual o vivo deveria resignar-se" em retornar(AE, XVIII, 36). Nas entrelinhas dessas afirmativas estaria um estado mítico *in natura* onde só haveria matéria em estado inorgânico e séries causais aleatórias. Em um momento ideal, não mencionado diretamente por Freud, haveria um "desvio" deste estado de coisas, o qual promoveria o surgimento da matéria organizada e consequentemente da vida. Faremos aqui duas considerações: a primeiras, já foi de certa forma feita antes, e até por repetidas vezes, referente ao modo freudiano de dizer. A alegoria acerca da origem da vida tem muito mais pretensões de descrever uma origem da vida anímica , do que a do universo propriamente dito. Podemos, com alguma liberdade, imaginar um estado de loucos fluxos de afetos os quais começam, num determinado momento, a se conectar com as primeiras representações a insurgir no aparelho anímico (lembremos a imagem mnêmica da primeira vivência de satisfação). Nossa segunda consideração refere-se

à auto-organização; neste contexto poderíamos dizer, se pensarmos em termos de uma situação inaugural, tratar-se de um processo de auto-organização primária.

Seguindo essa linha de raciocínio, veremos na formação do modelo orgânico de Freud os mesmos passos dados por um sistema que se auto-organiza até atingir seu ponto de cristalização. A constituição de uma proteção anti-estímulo, ou mesmo a formação do ego, corresponderia à cristalizações maiores (aumento da ligação) em alguns setores do sistema. No caso do ego em especial, tratar-se-ia da formação de um primeiro atrator, cujo papel de colaborador não-hegemônico teria uma repercussão crucial na consolidação do sistema de relações que Freud denominou de aparelho anímico.

Um aspecto interessante nessa dinâmica de constituição do aparelho anímico é esta de não só de rumar para um certo nível de cristalização, mas, de fazê-lo com e a partir da interação com outros sistemas já constituídos. O desenvolvimento e a consolidação de instâncias internas à vida anímica como o ego e o superego, dependem fundamentalmente de uma interação social. Consequentemente, neste nível, é possível também falarmos em auto-organização secundária.

A brincadeira efetuada por uma criança, com vistas a assumir o controle de uma situação adversa (tal como no caso do jogo do "o-o-o-o") tem claramente uma função reorganizatória, gerada pelos próprios recursos disponíveis à criança, ou melhor, naquele exemplo a criança se auto-organizou para lidar com a angústia gerada pela ausência de sua mãe.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Como havíamos exposto anteriormente, esta dinâmica de alta plasticidade presente no desenvolvimento do aparelho anímico – permitindo-o agir de maneira auto-organizada – repousa na ambigüidade das forças que o constituem.

Temos finalmente o ensejo para falarmos do papel positivo da pulsão de morte.

> ... De início eu havia sustentado só como uma tentativa as concepções aqui desenvolvidas, porém no curso do tempo teriam adquirido tal poder sobre mim que já não posso pensar de outro modo (AE, XXI, p. 115).

Esta frase, proferida por Freud em *O mal-estar na civilização* (1930), sintetiza o impacto que a postulação da pulsão de morte teve na teoria freudiana. Numa leitura apressada provavelmente daríamos às pulsões de vida o monopólio daquilo que seria positivo (amor, amizade etc.) para vida anímica, e à pulsão de morte a fonte daquilo que a civilização nos ensinou a evitar: a agressividade. Somos de opinião que a pulsão de morte só conquistou um lugar de importância junto a outros conceitos da psicanálise devido não apenas a sua negatividade, mas, também, a sua capacidade de gerar recursos positivos para a vida anímica.

Adaptando um pouco os termos de Debrun, diríamos que o crescimento da cristalização do sistema, depois de determinado ponto, retira-lhe boa parte, senão a totalidade, da sua plasticidade. No caso da psicanálise, esse tema pode ganhar diversos contornos. Um sintoma patológico é por excelência a realização de

uma cadeia de eventos mesclados, mas também é uma solução emergencial que arranca o aparelho de um impasse gerado por um conflito mais violento entre suas instâncias.

A vida anímica, tal como a psicanálise descreve, vale-se desse movimento disruptor, não só na canalização da agressividade, mas, contrabalanceando o movimento de conexão de maneira a impedir "coagulações" prematuras, as quais obstruiriam o poder de adaptação que o aparelho tem em relação às adversidades. Aliás, essa capacidade adaptativa deriva diretamente desta maleabilidade obtida via ambigüidade.

Chegamos, por fim, à noção de plasticidade por ambigüidade. A criação, a invenção ou a adaptação são propriedades que dificilmente emergiriam numa realidade preestabelecida com rígidas regras determinadas de antemão. Um sistema que se alimenta da sua própria ambigüidade mantém a flexibilidade necessária para uma auto-modificação conforme a situação exija. No universo freudiano isto pode corresponder desde a conversões histéricas, à repetição de cenas infantis, até à chamada "cura" psicanalítica obtida através da reelaboração da economia afetiva em situação de conflito.

Finalmente, podemos dizer que a pulsão de morte é positiva na medida em que desempenha um papel fundamental na auto-organização do aparelho anímico.

Com efeito, a maior sugestão oferecida por este trabalho aos estudos em Filosofia da Mente seria a de fortalecer a posição da psicanálise freudiana

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

junto ao rol de disciplinas que se propõem ao estudo da mente humana. A psicanálise nos oferece, principalmente via teoria das pulsões, uma teoria da mente cuja plasticidade se assemelha à plasticidade de um sistema tido como auto-organizado.

Neste contexto, a psicanálise transforma-se numa fonte privilegiada de inspiração para trabalhos que partam da teoria de auto-organização em direção a uma teoria da mente. Estes, ao procurarem uma explicação para uma mente detentora de um desenvolvimento auto-suficiente, capaz de se adaptar em situações de contingência, e, principalmente, possuir criatividade, podem aprender novas lições com o velho mestre de Viena.

unesp

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE FREUD CITADAS

As obras de Freud que utilizamos tiveram três fontes básicas: a tradução brasileira feita pelo Prof. Osmyr Faria Gabbi Jr. do *Projeto para uma psicologia*; a reedição revisada da editora Imago de *A interpretação dos sonhos;* algumas obras da *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud* editada em 1976 pela editora Imago, Rio de Janeiro (abreviada como E.S.B); e, principalmente, as obras pertencentes a *Sigmund Freud-Obras Completas* editada por Amorrortu Editores em 1976, Buenos Aires(abreviada como A.E).

A.E, vol. VII, *Três ensaios para uma teoria sexual* (1905).

A.E , vol. XIV, *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

A.E, vol. XIV, "Pulsões seus destinos" (1915).

A.E, vol. XVIII, *Além do princípio de prazer* (1920).

A.E, vol. XIX, *O ego e o id* (1923).

A.E, vol. XXI, *O mal-estar na civilização* (1930).

A.E, vol. XXII, Novas conferências introdutórias de psicanálise (1933 [1932]).

A.E, vol. XXIII, *Esquema de psicanálise* (1940[1938)].

E.S.B, vol II, *Estudos sobre a histeria,* (1893-1895). (Breuer & Freud)

E.S.B, vol. IV e V(edição revisada publicada avulsa: vol I e II) *A interpretação dos sonhos*, (1900)

FREUD, S. (1895) - *Projeto de uma psicologia,* Trad. Osmry Faria Gabbi Jr., Rio de Janeiro, Imago Obras Isoladas de Freud, 1995.

OBRAS DE FREUD CONSULTADAS.

A.E, vol. XI, "Cinco conferências introdutórias sobre psicanálise" (1909).

A.E, vol. XII, "Recordar, repetir, reelaborar" (1914).

OBRAS DIVERSAS CITADAS.

ASHBY. W.R. Principles of Self-Organizing Sistem. In: Von Foerster, H. ; Zopf Jr., G.W. (Org). *Principles of Self-Organization,* Oxford. Pergamon Press, 1962. p.255-278.

ATLAN, H.: *Entre o cristal e a fumaça* : ensaio *sobre a organização do ser vivo.* Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

BLACK, M. : *Modelos y metáforas.* Trad. V.S. de Zavala. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

BRAITHWAITE, R. B.: *La explicación científica.* Trad. V. S. de Zavala. Madrid: Editorial Tecnos, 1965.

BRESCIANI FILHO E; D' OTTAVIANO, I.M.L. Conceitos básicos de sistêmica, 1999 (Versão a ser incorporada como capítulo do livro *Auto-Organização: estudos interdiciplinares.* (Coleção CLE/Unicamp, v.2 – no prelo).

DEBRUN, M.; GONZALES, M.E.Q.; PESSOA JR., O. (Org.) *Auto-organização:* estudos interdiciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes; Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1996. Unicamp (Coleção CLE, V, 18.)

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise.* Trad. C. P. B. Mourão e C. F. Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *A angústia*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, J ; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. P. Tamen. São Paulo: Martins: Fontes, 1994.

OBRAS DIVERSAS CONSULTADAS

DESCARTES, R.: *Meditações.* Trad. B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1962

SOUZA, P. C. *As palavras de Freud:* o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

DENNETT, D. *Tipos de mentes*: *rumo a uma compreensão da consciência;* Trad. A. Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DERRIDA, J.: *A escritura e a diferença.* Trad. M. B. M. N. Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DUPUY, J-P. *Nas origens das ciências cognitivas,* Trad. R L. Ferreira. São Paulo Editora da UNESP, 1995.

GARCIA-ROZA, L.A. *Acaso e repetição em psicanálise:* uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

MEZAN, R. *Freud:* a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MEZAN, R. *Freud,* pensador da cultura. São Paulo: Brasiliense/CNPQ, 1985.

MILIDONI, C.B. *Heurística freudiana no "Projeto para uma psicologia científica".* Campinas, 1993. Tese (Doutoramento) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas .

_____. A relação mente-corpo e a natureza do eu cognoscente à luz do dualismo cartesiano. In: SIMPÓSIO CINETÍFICO DO CAMPUS DE MARÍLIA, 2, 1997, Marília. *Anais...* Marília: Unesp, 1997. p. 77.

_____. Metapsicologia freudiana e ciência cognitiva: os riscos da interdiciplinaridade , 2000. (Versão a ser incorporada como capítulo do livro *Encontro com as ciências cognitivas, v.III* (No prelo)

MORIN, E. *Ciência com consciência.* Trad. M. D. Alexandre; M. A. S. Dória. Rio de Janeiro: Bertrano Brasil, 1996.

_____. A noção de sujeito, In: Schnitmam, D.F. (Org.) *Novas paradigmas, cultura e subjetividade*, Trad. J. H. Rodrigues. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.

MONZANI, L. *FREUD* - O movimento de um pensamento. Campinas: Editora da Unicamp. 1989.

RICOEUR, P. *Da interpretação*: ensaio sobre Freud. Trad. de H. Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *O si-mesmo como um outro*. Trad. L. M. Cesar. São Paulo: Papirus, 1991.

ABSTRACT

This research has the aim to make a comparative study between psycho-analysis and self-organizing theory. To do it, we must demarcate the possibility conditions necessary for a phenomenon to be considered self-organized and compare with the possibility conditions used by Freudians psycho-analysis, through his instinct theory, for to check if they would be analogous. We believe that this research could be very interesting to give a new direction for the studys about mind's philosophy.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

